

RACHEL DE AGUIAR BATISTA

FUNK, CULTURA E JUVENTUDE CARIOCA:

Um Estudo no Morro da Mangueira.

Dissertação apresentada ao Programa de Estudos de Pós-Graduados da Escola de Serviço Social em Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre. Área de Concentração: Política Social.

NITERÓI

Março / 2005

RACHEL DE AGUIAR BATISTA

FUNK, CULTURA E JUVENTUDE CARIOCA:

Um Estudo no Morro da Mangueira.

BANCA EXAMINADORA

Prof Dr. André Augusto Brandão - Orientador
Universidade Federal Fluminense

Prof Dr Ahyas Siss
Universidade Salgado de Oliveira

Prof^a Dr^a Laura Moutinho
Universidade Estadual do Rio de Janeiro - IMS

SUMÁRIO

Resumo P.4

Abstract P.5

Introdução P.6

Capítulo 1

Funk: Um movimento de expressão cultural P.12

1.1 – Década de 80: Afirmação do Funk no Brasil P.18

1.2 – Anos 90: Consagração do Funk no Rio de Janeiro P.24

1.3 – Panorama atual do Funk Carioca P.32

Capítulo 2

Movimento Funk e novos contornos Identitários P.35

Capítulo 3

A Mangueira e o Baile Funk P. 48

3.1 – Características populacionais:

Um olhar sobre a favela Parque Candelária P.62

3.2 – O baile da Comunidade: Uma Experiência no Morro da Mangueira P.69

Capítulo 4

O Funk e a Juventude da Comunidade P.85

4.1 – Quem são estes jovens? P.88

4.2 – O Funk sob ótica dos jovens da Mangueira P.107

Conclusão P.126

Bibliografia P.140

Webgrafia P.145

RESUMO

O presente trabalho busca traçar um estudo acerca das novas manifestações culturais, assim como, a influência destas na emergência de novos atores no cenário contemporâneo.

Apresento argumentos para discussão sobre a importância da cultura na formação identitária e social dos jovens, me refiro aqui especificamente à “cultura Funk”. É comum associar o ritmo Funk aos jovens da periferia, principalmente jovens negros e pobres, por isso, faço a articulação entre juventude, pobreza e cultura Funk, buscando mostrar o que o Funk pode representar no cotidiano destes jovens.

Considerando o Funk enquanto fenômeno e manifestação cultural contemporânea ativa no Rio de Janeiro, buscarei compreender de que forma ela incorpora os jovens em sua expressão. Atribuo ainda os resultados de minha pesquisa de campo realizada no Morro da Mangueira, uma das favelas mais significativas da cidade do Rio de Janeiro.

Neste contexto ressalto a importância gradativa que a cultura Funk e todo um conjunto de grupos urbanos associados a manifestações culturais têm desempenhado junto aos jovens. Estes sujeitos vêm produzindo nas expressões associadas a este universo uma forma específica de sociabilidade e novas formas de representação social.

Palavras chaves: Juventude, pobreza, identidade e movimento Funk.

ABSTRACT

This work aims to outline a study regarding the novel cultural manifestations, as well as their influence on the emergence of new actors in the contemporary scene.

I hereby present some arguments for discussion on the importance of the culture on both social and identity formation of young people, and I specifically refer to the so-called “Funk culture“. The Funk rhythm is commonly associated with young people, particularly those poor and black, living in the suburbs (poor neighborhoods). This is why I make a connection between youth, poverty and Funk culture, in an attempt to point out that Funk may indeed represent the daily life of these young people.

Considering the Funk as a phenomenon and a contemporary cultural manifestation active in Rio de Janeiro, my purpose is to investigate how the Funk incorporates young people in its expression. I also report the results of my field research, carried out in Morro da Mangueira, one of the most important slums (known as favelas) in Rio de Janeiro city.

In this context, I highlight the increasing importance that the Funk culture and a whole set of urban groups associated with cultural manifestations have fulfilled on the expectations of young people. These individuals have produced, in the expressions associated with this universe, a specific form of sociability and new forms of social representation.

Key Words: youth, poverty, identity, Funk movement

INTRODUÇÃO

A complexidade crescente das realidades locais torna relevante a abordagem das culturas e das identidades, como um instrumento de compreensão e desvelamento de novas relações entre sujeitos, assim como, das questões e demandas trazidas por estes para a agenda das políticas públicas.

A discussão sobre identidades culturais, experimenta hoje tamanha presença, tanto no domínio político, global e local, como nos destinos individuais. Assim, híbrida ou mestiça, como tem se denominado, a cultura encontra-se dominada pela problemática da identidade, que se anuncia cada vez mais como uma “identidade cultural” (Hall,1999)

É no interior desta discussão, que o presente trabalho se situa, buscando traçar um estudo acerca de uma nova manifestação cultural, assim como, a influência desta, na emergência de novos atores no cenário contemporâneo.

Para delimitar meu escopo de pesquisa, escolhi como manifestação cultural o “fenômeno Funk”. Acredito que os sujeitos se expressam em suas relações sociais, e é possível compreendê-los também através das suas

manifestações culturais. Desta forma, considerando o Funk enquanto fenômeno e manifestação cultural contemporânea, ativa no Rio de Janeiro, buscarei compreender de que forma ela incorpora os jovens em sua expressão.

Sempre tive grande interesse em torno das discussões sobre juventude, assim, compreender as demandas trazidas por essa população é de extrema importância, visto que, esses sujeitos apontam questões que podem servir de base e pautar novas intervenções profissionais, bem como, novas propostas de políticas sociais.

Considero de muita valia uma forma de pesquisa social na qual podemos revelar, através de uma manifestação cultural relativamente recente, um caminho para compreender o modo de vida e expressão de segmentos jovens cariocas.

Em diferentes pontos do planeta emergem movimentos identitários instauradores de novos quadros de socialização e expressão dos sujeitos. Tendo claro a existência destes novos sujeitos tentarei fazer uma discussão pautada na pluralidade cultural, social e econômica. Ressalto que, o fator cultural vem sendo fio condutor dos novos movimentos sociais que revelam as contradições e necessidades trazidas pelos sujeitos sociais.

Tenho como linha reflexiva para o trabalho estudar o Funk no que tange os aspectos de formação de identidades. O primeiro capítulo refere-se ao histórico do movimento Funk. Neste capítulo busco mostrar o interior desse movimento, como ele surgiu, quais foram suas influências, as dificuldades enfrentadas, os momentos de ascensão e decadência. Procuro assim, fazer uma mostra do que foi o movimento e do que o ritmo representa nos dias de hoje.

O objetivo é nortear a análise sobre o movimento Funk e para isso é necessário conhecer as peculiaridades do ritmo e também, seus aspectos culturais e sociais, pois, nenhuma manifestação se dá no vácuo social; existem variáveis que permeiam todo o movimento Funk e é isso que será trabalhado no primeiro momento desse estudo.

No segundo capítulo faço a articulação entre o Funk e o conceito de identidade e para isso, uso como base teórica os estudos de Hall (1999) e Castells(1999). Através da discussão de identidades, podemos apreender o Funk como mais que um ritmo cultural, como uma forma de expressão, um traço cultural de uma geração, e a partir desse fenômeno é possível repensar a emergência no imaginário social de um Brasil fragmentado e plural.

Em linhas gerais, busco nesses primeiros momentos explicitar o que é o movimento Funk e assim compreender os processos subjetivos a partir dos quais os jovens funkeiros articulam o seu cotidiano, tendo como pano de fundo as questões identitárias.

Como já foi citado acima, o Funk é o objeto central deste estudo, porém é necessário situar o movimento em um *locus* social. Ao falar do Funk nos remetemos ao público que este ritmo abarca e rapidamente chegamos a conclusão que o Funk está intimamente relacionado à juventude.

No terceiro capítulo procuro caracterizar o *locus* geográfico e social onde realizei a pesquisa de campo: O morro da Mangueira, localizado na cidade do Rio de Janeiro. O que pretendo nesse capítulo é esboçar as características gerais da população estudada, assim como, possibilitar uma compreensão inicial de como se estrutura seu espaço físico.

Nesta etapa foi realizado um levantamento de dados sobre a comunidade, utilizando recurso de sites que disponibilizam estatísticas¹ e bibliografia sobre a favela com intuito de retratar a comunidade estudada. Abordamos aspectos demográficos, econômicos, culturais e sociais.

Para toda a construção do estudo realizei pesquisas através de fontes secundárias, assim como uma pesquisa de campo e um conjunto de entrevistas em profundidade com participação concreta e prolongada no cotidiano dos jovens moradores da favela.

Neste capítulo os resultados da pesquisa de campo já aparecem. Relato visitas ao baile Funk da comunidade fazendo uma discussão do que o evento representa para os jovens daquele local.

No quarto capítulo faço uma explanação breve acerca da juventude pobre no Brasil e em seguida introduzo mais detalhadamente a experiência de campo e os resultados das entrevistas realizadas com os jovens da Mangueira e com duas personalidades “históricas” do Funk carioca: Ivo Meireles e Verônica Costa.

Trabalhei com os jovens usando entrevistas abertas, sem que houvesse um questionário fechado; tal trabalho foi realizado em várias etapas. Na verdade, foram feitas oficinas temáticas onde alguns assuntos eram debatidos e os jovens expressavam, suas opiniões e vivências. Ao fazer estas oficinas e traçar um contato direto com os jovens busquei o aprofundamento de alguns temas que considerei relevante nesse estudo.

¹ Sites do IBGE (www.ibge.gov.br), Fundação Getúlio Vargas (www.fgv.gov.br) e Armazém de dados (www.armazemdedados.rio.rj.gov.br).

Não houve indagação direta, os assuntos surgiam, enquanto um jovem colocava suas idéias, outro complementava e assim a discussão fluía de forma descontraída.

Os participantes do grupo falaram dentro de suas vivências específicas, trazendo para o debate questões que são problematizadas e comentadas por mim, a partir de um enquadramento teórico.

Minha opção metodológica consistiu na definição de alguns temas, avaliando assim a percepção dos jovens sobre os mesmos. A partir disso, realizei a análise desse conjunto de informações, ou seja, um consenso acerca do pensamento dos jovens em relação aos temas expostos.

Todo material recolhido foi respaldado por bibliografia, porém o mais rico na pesquisa de campo é a interação do pesquisador com a população estudada; o que permite um conhecimento menos superficial, onde as análises podem ser feitas de forma mais profunda, produzindo um saber menos virtual e mais pautado na realidade.

O capítulo quinto é conclusivo nele são discutidos os resultados do nosso trabalho, enfatizando também como o funk está ou não incorporado na vida destes jovens.

O fenômeno Funk demonstra uma maneira possível de articulação na dinâmica urbana contemporânea, e ainda que de forma limitada possibilita repensar a importância de inserir mesmo que lateralmente os jovens dos segmentos populares no circuito cultural carioca. Acredito que é possível perceber o Funk como instrumento agregador, através do qual os jovens constroem códigos culturais e encontram neste uma forma de sociabilidade.

Enfim, busco contribuir e de alguma forma despertar interesse para que sejam abordadas essas polêmicas manifestações culturais enquanto instrumento de reconhecimento e desvendamento de novas questões sociais. Priorizei o Funk, como um caminho alternativo para compreensão destas novas questões.

CAPÍTULO 1

FUNK: Um Movimento de Expressão Cultural

O Funk chegou ao Brasil há pouco mais de vinte anos e só ganhou espaço na mídia há pouco menos uma década, embora já existisse nos Estados Unidos há quase cinqüenta anos. O nascimento desse ritmo, como de muitos outros no Brasil está ligado aos EUA, então quando estudamos a origem do Funk na cidade do Rio de Janeiro é necessário compreender sua relação com a música negra norte-americana e mais ainda a sua raiz africana.

O termo “Funky” surge na virada da década de 60 para a de 70, na realidade surge com a presença do Soul². O pianista norte americano Horace Silver uniu o Jazz com a Soul Music e começou a difundir a expressão “*Funk Style*”.

² A união do ritmo Blues com o Gospel . Nomes como James Brown e Irma Thompsom .

Como pontua Hershmann (2000):

“Na realidade, com a intensa presença do Soul no mercado alguns músicos mais engajados da época passaram a encarar o funk como uma música vertente da música negra ainda capaz de produzir uma música, digamos revolucionária, dirigida para essa minoria étnica”.(Hershmann,2000:19)

A Soul music já estava difundida mundialmente, mas foi trazida ao Brasil por cantores como Gerson King Combo, que lançou em 1969 o disco Gerson King Combo Brazilian Soul, com sucessos brasileiros como:Asa Branca executados com a batida importada dos Estados Unidos; Tim Maia, Carlos Dafé, Tony Tornado, que também começaram a tocar sucessos do Soul e adotaram a atitude e o estilo do “Black Power”³, fundando o movimento “Black Rio”, na cidade do Rio de Janeiro.

Em 1968 o Soul já era bem conhecido como “Black Music” e segundo Vianna (1988):

“Foi nesta época que a gíria “funky” (segundo o Webmaster Dictionary, “foul-smelling;offensive) deixou de ter um significado pejorativo, quase um palavrão, e começou a ser símbolo do orgulho negro . Tudo pode ser funky; uma roupa, um bairro da cidade, o jeito de nadar. Uma forma de tocar música que ficou conhecida como funky radicalizava suas propostas iniciais, empregando ritmos mais marcados (“pesados”) e arranjos mais agressivos .”(Vianna,1988:20)

³ Movimento cultural e musical que envolvia musica e exaltação da cultura negra.

Esta foi à época áurea do Funk, podemos dizer que essa festa teve dois grandes anfitriões: o discotecário Ademir Lemos e o locutor e animador de rádio Big Boy, duas figuras consideradas lendárias para os funkeiros; que na década de 70 ficaram conhecidas por promoverem em uma das maiores casas de espetáculo da cidade as festas que eram chamadas de “Bailes da Pesada”. Nestes bailes os DJs⁴ tocavam Rock Pop e principalmente Soul, introduzindo nomes como Wilsom Pickett, Ray Charles e James Brown, tendo este último destaque por incrementar ao ritmo a característica do Swing ⁵, deixando-o mais alegre e dançante .

Esses “Bailes da Pesada” aconteciam aos domingos e comportavam em média cinco mil jovens, que vinham dos mais diversos bairros do Rio de Janeiro, e não só dos subúrbios como muitos imaginavam. Vale lembrar que apesar do circuito funk ser uma manifestação cultural predominantemente suburbana, os primeiros bailes foram realizados na zona sul e também freqüentado por seus moradores.

Nessa época, a invasão do Funk na zona sul não durou muito e o Canecão que era local dos bailes, logo virou palco de MPB⁶, transferindo as domingueiras dançantes para os subúrbios cariocas, onde acontecia em vários clubes, associações e agremiações.

Surgem na década de 70 as primeiras equipes de som do Rio de Janeiro, contagiadas pelo sucesso de seus ídolos Big Boy e Ademir Lemos essas equipes investiram na compra de aparelhagens de som mais

⁴ Disck-Jockey ou discotecário . O profissional que coloca os discos para as pessoas dançarem .(pronuncia-se di-djei)

⁵ Característica dançante e melódica unida as músicas .

⁶ Música Popular Brasileira .

sofisticadas, a maioria importada e organizavam bailes nos subúrbios da cidade, deixando como marca registrada uma enorme muralha feita pelo empilhamento das caixas e equipamentos de som.

Assim as equipes que tiveram como pioneiras a Soul Grand Prix e Furacão 2000, chegavam a reunir em seus eventos até dez mil pessoas em memoráveis bailes na zona norte, como no pioneiro Astoria, no clube Minerva em Catumbi, clube Renascência em Vila Isabel, Orfeão de Portugal na Tijuca, entre outros.

Mesmo com o país vivenciando um momento de crise com a ditadura militar, os anos de 74,75 e 76 foram anos gloriosos para os bailes, a equipe Soul Grand Prix, por exemplo, foi uma das equipes que mais cresceu e se destacou, fazendo bailes todos os dias da semana de segunda à domingo e sempre lotados.

Assim:

“Os bailes da Soul Grand Prix passaram a ter uma pretensão didática “ fazendo uma espécie de introdução à cultura negra por fonte que o pessoal já conhece, como a musica e os esportes” . Enquanto o publico estava dançando, eram projetados slides com cenas de filmes como Wattstax (semidocumentario de um festival norte americano de musica negra), Shaft (ficção bastante popular no inicio da década de 70, com atores negros no papeis principais), alem de retratos de músicos e desportista negros nacionais ou internacionais . Os dançarinos que acompanhavam a Soul Grand Prix, e também a equipe Black Power, criaram um estilo de se vestir que mesclava as varias informações visuais que estavam recebendo, incluído as capas de discos . Foi o período dos cabelos afros, dos sapatos conhecido como pisantes, das calças de boca estreita, das danças a James Brown, tudo mais ou menos vinculado a

expressão “Black is beautiful” . Alias James Brown era o artista mais tocado nos bailes . Suas musicas, principalmente “Sex Machine, “Soul Power”, “Get um the Good Foot”, lotavam todas as pistas de dança.” (Vianna,1988:27)

As equipes se revezavam em diferentes clubes da cidade, tendo grande rotatividade, mesmo assim elas conquistavam o público que acompanhava suas equipes favoritas onde quer que elas fossem, facilitando a troca de informações e possibilitando o sucesso de determinada música, dança e roupas em todos os bailes.

Mesmo sem muita divulgação, pois a divulgação dos bailes era feita nos locais próximos, e se dava apenas com faixas afixadas em ruas de muito movimento, a novidade atraía um mercado lucrativo. Mais tarde as propagandas aumentaram, apareceram prospectos e a publicidade na Rádio Mundial.

Em 1977 uma nova rádio estava no ar, inovando o modo de fazer FM no Brasil. A Rádio CIDADE FM e seus locutores mistos de Djs tiveram um papel importante nesse final de década, esta rádio foi responsável pela “DJ culture” que difundiu o “fenômeno Disco” no Brasil.

Percebeu-se então que a diversão podia ser transformada em lucro, as gravadoras descobriram um mercado virgem em potencial para ser explorado. O primeiro disco de equipe foi o LP Soul Grand Prix, lançado em dezembro de 1976 pela WEA, depois chegou a vez da Dinamic Soul, da Black Power e mais adiante a Furacão 2000.

Dessa forma Funk ficou conhecido mundialmente e era estreitamente vinculado ao movimento negro ganhando assim reportagens, e matérias em conceituados jornais cariocas.

1.1- Década de 80:

Afirmação do Funk no Brasil

A calma da “febre disco” e o começo da década de 80 trouxeram mudanças para esse cenário. O equilíbrio musical, a diversidade de grupos “new generation” e a evolução da produção foram cruciais para os amantes da música mecânica ⁷(termo surgido na época).

Nessa época surgem novos nomes como KURTIS BLOW, ZAPP&ROGER,VANGHAN MASON & CREW, LAKESIDE,ALL HUDSON, GAP BAND, SUGARHILL, GANG entre outros, esses “personagens” foram de extrema importância musical no período da nova “Black Music” .

Nos anos 80, o Funk no Rio de Janeiro foi influenciado por um novo ritmo da Flórida, o Miami Bass, que trazia músicas mais erotizadas e batidas mais rápidas.

Nessa década, as equipes de som foram as grandes responsáveis pela divulgação da Funk music no Brasil. O grande estouro desse movimento foi a importação dos discos de vinil de 12 polegadas que vinham em versões mixadas⁸, por isso, dificilmente se encontrava em qualquer loja as músicas que eram tocadas pelos Djs das equipes de som. Com relação às equipes, lembramos que algumas fazem sucesso até hoje como a Furacão 2000, Cash Box, Soul Grand Prix entre outras.

⁷ Músicas com batidas eletrônicas e mixadas com efeitos especiais.

⁸ Mistura de músicas feitas pelos Djs , utilizando-se do aparelho de mixer .

Somente ao nível de contextualização, vale lembrar que nos anos 80 tivemos a alta do mercado consumidor de eletrodomésticos, desta forma, aparelhos de som passam a ser “mercadoria popular” na sociedade brasileira.

Ao falar da musicalidade do Funk nos anos 80, podemos retratá-la com uma breve cronologia musical da década:

- 1980 - o aparecimento do cognome “DISCO FUNK” em novas produções . (hit : KWICK- can't help myself)
- 1981 - o charme começa a conquistar adeptos e seguidores . (hit: BILLY OCEAN-another day won't matter)
- 1982 - o FUNK verdadeiro é febre nos bailes (hit: LIVE- strut your stuff)
- 1983 - o FUNK de Nova York continua em “alta” (hit: TIRONE BRUNSON-stick situation)
- 1984 - gravadoras independentes de Nova York chegam ao RJ (hit: SPYDER D- smurphies dance)
- 1985 - os bailes do Rio de Janeiro se rendem ao “eletro funk” (hit :GALAXXY - sexy style)
- 1986 - evoluções das produções (hit ;LOOSE ENDS-gonna make your mine)
- 1987 - o Miami Bass se acentua no Rio de Janeiro .(hit : MODERNIQUE - linda my louve)
- 1988 - Miami Bass domina os bailes carioca . (hit: MC ADE- Bass Mechanic)
- 1989 - declínio nas produções americanas e investimento nas produções “made in Rio “ , as famosas “mêlos” .(hit - Mêlo da mulher feia)

Nas páginas anteriores, tivemos um breve histórico do ritmo Funk no Brasil e principalmente no Rio de Janeiro. Na década de 80 o Funk passa a ser uma realidade no cotidiano dos subúrbios carioca. No início desse período começam as primeiras influências do Rap⁹, Hip Hop¹⁰ e do Breack¹¹, que na sua essência traziam uma característica: A crítica social. A Black Music voltou a ocupar as paradas de sucesso.

O baile Funk era principalmente uma atividade suburbana. Existiam alguns bailes realizados na Zona Sul, geralmente localizados perto de favelas e freqüentado por uma juventude de baixa renda, em grande parte negra. Os bailes de subúrbio eram famosos por sua empolgação. Podemos citar alguns dos maiores: Clube Magnatas, no Rocha; Renascença Clube; Mackenzie, no Méier; Cassino Bangu; Grêmio recreativo de Rocha Miranda; Farolito, em Caxias; Paratodos, na Pavuna; Signus, em Nova Iguaçu; Canto do Rio e Fonseca, no centro de Niterói.

No final dos anos 80 e início dos anos 90 o Funk ganha visibilidade na cidade e passa a ser a forma de lazer preferido de inúmeros de jovens das classes populares. Atraídos não só pelas músicas, mas também pelos preços populares das entradas e pela identificação com os freqüentadores, esses jovens lotavam todos os finais de semana as centenas de bailes que aconteciam em diferentes clubes do subúrbio do Rio de Janeiro.

O estilo masculino apropriava-se de um tipo de vestuário que é conhecido como “surf wear”¹²; roupas desenhadas com estampas coloridas,

⁹ RAP a fala rimada da música hip hop, acompanhada geralmente pela bateria eletrônica, pelos sintetizadores, pelos samples e pelos straches controlados por um DJ.

¹⁰ HIP HOP é rap+graffiti+b boy. A cultura adolescente dos guetos negros norte-americanos versão anos 80.

¹¹ Ritmo musical de origem norte americana e influenciado pela cultura negra.

¹² Do inglês moda praia.

temáticas de praias e pranchas de surf, eles vestiam bermudões acompanhados por camisetas também bem coloridas, com estilo havaiano. O tênis era o complemento indispensável, o objeto de fascínio entre os jovens da época, que relacionavam o calçado a um *status*, eram os mais variados modelos, sempre bem coloridos e chamativos alguns luminosos, e a maioria importado geralmente de marcas esportivas como: *NIKE*, *MIZUNO*, *OLIMPIKUS* e *REEBOCK*.

Os acessórios também eram indumentárias imprescindíveis na composição do visual funkeiro, chapéus e bonés eram usados com frequência pelos jovens, que na sua grande parte, usavam cabelos compridos formando vários cachos (popularmente chamados de “cabelos de molinha”). Usavam também grandes cordões de prata ou imitação, com medalhas redondas e comumente utilizavam uma toalha ao redor do pescoço.

As meninas não tinham características assim tão marcantes, usavam saias curtas ou calças bem coladas, seguida de bustiês e camisas que deixavam a barriga de fora. Esse era o estilo de roupa mais usado pelas funkeiras da época que compartilhavam com os rapazes o fascínio por tênis de marca para complementar o visual.

A mistura agressiva de cores, geralmente cores vivas e até fluorescentes, combinadas com acessórios chamativos eram traços característicos do funkeiro dos anos 80, e identificava-se esse estilo como “suburbano e cafona”.

Os frequentadores dos bailes tinham uma faixa etária variada de doze à trinta e cinco anos, mas a presença maior era do público entre dezoito e vinte quatro anos, moradores de favelas ou subúrbios próximo dos clubes.

Nesse período a grande atração do Funk eram as coreografias e o trenzinho¹³, que não eram tão erotizadas como hoje e integravam os funkeiros. Quando chegavam no momento “clímax” da festa todos pareciam formar uma única massa rítmica. Como ressalta Vianna (1988):

“O baile começa devagar. Os primeiros grupos de dançarinos logo aparecem na pista e começam a desenvolver suas complicadas coreografias. Os dançarinos solitários são raros. As danças são todas feitas em conjunto, grupos que podem variar de duas à dezenas de pessoas que repetem os mesmos passos, os mesmos movimentos de braços, e as mesmas piruetas simultaneamente. Não existe casais dançando frente à frente como em tantas outras pistas de dança. Todos os componentes do grupo tem o rosto voltado para mesma direção quase sempre de frente para arquibancada onde fica o equipamento de som e o DJ, dançando em fila lado a lado com seus companheiros. Cada grupo pode ser constituído por várias filas, uma em frente da outra. Os passos são muito complexos, formando longas seqüências coreográficas, que se repetem durante muito tempo antes de mudar para outra seqüência não menos complexa. Um grupo pode começar com poucos passos que são conhecidos por todos, outros precisam ser ensaiados antes do baile.” (Vianna, 1988: 76)

À medida que foi se afirmando no mercado dos raps e mêtos¹⁴ nacionais, o Funk deixou de ser apenas um fundo musical do baile, para ser o “carro chefe” de uma cadeia de produção/consumo poderosa. A partir de 1989 foram lançadas as músicas em português. Com suas bases já fincadas nos subúrbios, o Funk começa a apresentar suas primeiras produções

¹³ TRENZINHO corresponde a uma fila comprida de dançarinos que percorrem toda a área onde se realiza o baile.

¹⁴ músicas nacionais, que traziam bordões.

legitimamente nacionais: as mûelos. Era mûelo de tudo: “da cachaça”, da “bundinha”, da “mulher feia”, do “urubu”, dentre muitas outras.

Uma rádio FM, até então desconhecida chamada Tropical, começou a divulgar os bailes e o Funk em programas especializados e a mídia passava também a se interessar pelo ritmo.

Com sucesso internacional do Hip Hop, que se tornou música apreciada pelos jovens das classes altas, a Zona Sul voltou a se interessar pela Black Music, e o Funk é difundido entre juventude de várias classes sociais.

1.2 - ANOS 90:

Consagração do Funk no Rio de Janeiro

A década de 90 vivenciou a “glamourização” e a “demonização” dos ritmos Funk. O Funk adentra neste período e os grandes bailes promovidos nos subúrbios começam a invadir outros cenários cariocas.

O termo “funkeiro” aparece na mídia a partir dos anos 90 e abriga traços identitários que tem na cor (negra) uma referência fundamental. Nesse período o Funk é um ritmo novo reconhecido por uma minoria social, com ajuda da mídia, o fenômeno ganha visibilidade através de pequenos e diários programas de rádio FM em diversas estações.

Os programas mais conhecidos eram na Rádio RPC, Imprensa Popular e Tropical e ganhando ainda mais destaque em programas regulares de TV como: XUXA HITS e FURACÃO 2000. Em cadeia nacional esses programas eram campeões de audiência em seus horários, e tinham como espectadores jovens de todas as classes sociais. O Funk, expressão social e cultural passa a ser difundido entre a juventude de todas as origens e classes sociais. Neste período podemos dizer literalmente que o funk virou “moda”.

Vejamos o que Herschmann (2000) nos diz a este respeito:

“É importante ressaltar, portanto que não só o funk vem “invadindo literalmente a cena”, mas também os elementos que compõe seu estilo de vida invadem o imaginário juvenil (mesmo não tendo esses jovens oriundos dos segmentos populares como protagonistas). Assim se, por um o funk, com os elementos que o

compõe se fazem cada vez mais presentes de forma “difusa” na indústria fonográfica, no vestuário e no comportamento de um público jovem, nos anos 90, por outro lado, um conjunto de enunciados jornalísticos os interdita e/ou os apresenta no conjunto de narrativas que dão visibilidade à violência urbana hoje. (Herschmann,2000: 115)

Os bailes Funk dos anos 90 eram procurados por mais de um milhão de jovens todos os fins de semana. Na cidade do Rio de Janeiro, com exceção das praias, nenhuma outra atividade de lazer reunia tantas pessoas com tanta frequência. Esses bailes seduziam cada vez mais jovens das camadas médias sociais, o Funk deixa sua fama de suburbano para ganhar um status “VIP¹⁵”.

Era cerca de trezentos bailes todo final de semana na cidade do Rio de Janeiro. Diferente da década de 80, os bailes aconteciam também na Zona Sul, freqüentemente dentro de favelas ou morros, eram os chamados: “bailes de comunidade”¹⁶, que atraíam jovens de classe média à classe alta, encantados com a novidade carioca .

Como destaca Vianna,1988:

“Os bailes do mundo funk carioca são festas que reúnem milhares de pessoas. Podemos dizer que são festas de massa... É ó formar um aglomerado de pessoas que atingindo certa densidade se produz a massa. Nesta situação os indivíduos não podem resistir ao desejo de se aglomerar a massa libertando-se das distancias e hierarquias . (Vianna,1988:60)

¹⁵ Do inglês Very Important; no dito popular, significa dizer: sofisticado e importante.

¹⁶ Diferente dos bailes de clube, este tipo de baile ria realizado no interior das favelas do Rio de Janeiro e tinha como característica a inexistência de embates de galeras .

O fenômeno Funk estava “estourado”, ganhou espaço nas estações radiofônicas e nas indústrias fonográficas. Com a popularização e a nacionalização de suas músicas o ritmo gerava novos ícones e dois tipos de profissão passaram a ser encaradas como carreiras de prestígio junto aos jovens ligados ao funk: a de Djs e a de Mcs¹⁷.

Deve-se compreender que a ascensão do Funk na mídia não foi tão positiva e homogênea como parece, a mídia opera tanto no sentido de integração sócio-cultural, como desenvolve processos de estigmatização e criminalização. Como comenta Herschmann (2000): “A mesma mídia que demoniza é aquela que também abre espaço nos jornais e programas de televisão” (Herschmann,2000:89)

Ao estudar a popularização do Funk nos anos 90, não podemos deixar de destacar um acontecimento crucial ocorrido em 1992: Os arrastões e tumultos nas praias da zona sul da cidade.

Como nos lembra Herschmann (2000):

“Esses arrastões tornaram-se uma espécie de marco no imaginário coletivo da história recente do funk e da vida social do Rio de Janeiro, fortemente identificada com conflitos urbanos onipresentes. A partir desse momento, tais fenômenos das periferias e favelas das grandes cidades, quase desconhecidos da classe média, ganham inusitado destaque do cenário midiático.” (Herschmann,2000:95)

¹⁷ Mestre de cerimônia: quem canta o rap/melô.

Assim ao mesmo tempo em que o Funk ganhava espaço nas seções culturais dos grandes jornais do país, também consolidava presença nas seções policiais. Cada vez mais os funkeiros estavam sendo apresentados à opinião pública, como uma juventude revoltada e maligna.

Não devemos deixar de levar em consideração que muitos jovens das classes populares, adeptos ao ritmo Funk, são responsáveis por delitos como: furtos, roubos, entre outros. Não é improvável que alguns episódios de violência sejam protagonizados pelos jovens funkeiros, o perigo, diz respeito a generalizar essa parcela excluída e relacionar fatos como os citados somente a estes jovens.

Como ressalta Herschmann (2000):

“ A partir de 1992 o termo “funkeiro” substitui o termo “pivete”, passando a ser utilizado emblematicamente na enunciação jornalística como forma de designar a juventude “perigosa” das favelas e periferias da cidade “(Herschmann,2000:67)

Outro acontecimento marcante, considerado como “divisor de águas” no mundo Funk, foi à promoção dos “bailes de comunidade” e “bailes de corredor”¹⁸.

A segunda campanha de criminalização do Funk na mídia, teve como alvo estes tipos de baile, por volta de 1994 a 1996.

¹⁸ BAILE DE CORREDOR: bailes onde existe briga entre galeras rivais, ou seja, são jovens moradores de áreas distintas consideradas “inimigas”. As agressões eram permitidas e incentivadas por seus organizadores .

Como descreve Herschmann (2000):

“O “perfil bárbaro” e “criminoso” atribuído ao funkeiro parece estar sintetizado neste editorial: Cientistas políticos populistas chamam os bailes funk de festas da “juventude sem perspectiva” . O rótulo indulgente confere implicitamente dignidade sociológica a festivais de violência que espalham mais terror do que alegria . Estas festas são, na verdade, o ponto de interseção do lazer lúpen com droga e p recrutamento de adolescentes pelo crime organizado(..) É sabido que os cantores de rap se apresentam em bailes financiados pelo tráfico parodiando sucessos funks com letras que fazem apologia do crime e das máfias do pó. É arriscado reduzir esse caldo de cultura anti-social a uma versão moderna das gafieiras pré-industriais. Os bailes funk são um caso de polícia e deveriam ser combatidos em nome da paz social.”(Herschamann,2000:104)

Os “bailes de corredor” têm um papel cultural de competição como elementos estruturadores deste tipo de organização social conhecido como galera. Há uma dimensão simbólica na violência produzida pelas galeras funk, na verdade a violência não é um fato impeditivo à realização dos bailes. Como pontua Herschmann (2000):

“O baile e as galeras certamente não se organizam apenas em função da violência, no entanto elas se constituem num elemento cultural capaz de estruturar laços sociais e códigos de valores (Herschmann, 2000:179)”.

Nem só de violência se traduz o baile Funk, o baile também incorporou uma dimensão erótica, através de “mêlos” e danças que realizam movimentos corporais sensuais.

. Como sinaliza Herschmann (2000):

“Assim além das brigas e da sensualidade, o humor considerado pelos freqüentadores como aspecto lúdico bastante ativo nos bailes - e os nomes e coreografias/danças de grande sucesso sugerem algumas considerações estéticas sobre o funk . Em outras palavras não é só competição combate e o erotismo que regem esteticamente a festa do funk .As brincadeiras , as gozações entre eles , as associações seus corpos e os animais , geralmente ironizados como exemplo na “dança do gorila gay” e do “cachorrão” , indicam que o ‘grotesco” ou “neogrotesco” é uma referência estética fundamental . (Herschamnn,2000:160)

Os “bailes de corredor” foram arduamente criticados pela imprensa, pelo Estado e órgãos de segurança. Nesta época o Funk passou a ser visto como ideologia que alimenta a violência urbana. Podemos ver isso nesta fala de Rômulo Costa, citada em Herschmann (2000):

“Rômulo Costa: é impressionante como a trajetória do funk tem sido marcada pela estigmatização, preconceito e repressão (...) Os funkeiros, na verdade, são esses jovens que formam a base da sociedade e que, só querem diversão, o reconhecimento A violência é outro aspecto que não pode ser encarado de maneira isolada. Tem que ser analisado dentro de um contexto geral da sociedade injusta que empurra cada vez mais uma grande massa urbana para viver em condições miseráveis em morros e favelas, com políticas essencialmente concentradoras de renda .(...) “Os jovens baderneiros” representam uma parte ínfima da juventude funkeira que vai ao baile extravasar com violência as suas dificuldades existências.(Herschamnn,2000:87)

Outro tipo de baile que atraiu a juventude carioca foram os “bailes de comunidade”, que ocorriam em locais nobres da cidade. Temos como exemplo, o famoso baile do chapéu mangueira, realizado no morro do chapéu mangueira, no bairro do Leme, zona sul da cidade, fora do controle policial e tendo nos bastidores a presença do tráfico de drogas local. Esses eventos promoviam o encontro entre jovens de diferentes segmentos sociais.

Como nos lembra Hershmann (2000):

“Pode-se afirmar que o funk, na medida em que alcançou destaque inusitado no cenário midiático, foi imediatamente identificado como uma atividade criminosa, uma atividade de gangue, que teve nos arrastões e na “biografia suspeita” dos seus integrantes a “contraprova” que confirmaria este tipo de acusação. Ora, mesmo que se levem em conta os conflitos e delitos produzidos efetivamente pela galera funk, seja em maior ou menor intensidade, e até a necessidade de cada grupo de se identificar com “protetores locais” do crime organizado, poder-se-ia afirmar que os cenários de representação da violência urbana se encontram associados de forma reducionista ou determinista a esse grupo social. Os seus integrantes são personagens típicos das áreas carentes da Cidade, espaços que contrapõem o cenário tradicionalmente identificado com criminalidade e com violência e, sendo assim é muito comum que a mídia acabe produzindo uma imagem monolítica desse cenário, no qual todos os personagens aparecem mais ou menos envolvidos com a criminalidade. (Herschmann, 2000:49/50)”

As narrativas que abordaram os bailes Funk da época reduziam o evento essencialmente a prática da violência e o envolvimento com o tráfico e o crime organizado; analisavam o fenômeno Funk sob uma ótica

criminalizante. As campanhas e discursos solicitando a "pacificação dos bailes" onde Mcs, artistas e empresários se engajaram, não foi suficiente para que o Funk deixasse de ser visto pela sociedade, em geral, como ameaça a "paz social".

Apesar de ser rotulado como violento e rebelde, o Funk conquistou espaço e visibilidade, ocupando espaços dominados por outros produtos culturais. Como destaca Herschmann (2000): "Pode se afirmar que o funk está tão arraigado no cotidiano do Rio que atingiu não só a mídia, mas também outras expressões artísticas".(Herschamnn,2000:263/264)

O Funk pôde experimentar a partir de 1999 um novo estilo caracterizado na gíria como "glamourozo" e "porpurinado"¹⁹. Foi a vez de um Funk mais pacífico, menos violento e mais voltado para o apelo sensual e lúdico.

¹⁹ Gírias usadas para enfatizar um Funk pacífico, com investimento maior de suas produções.

1.3 – Panorama Atual do Funk Carioca

Nos anos de 1999 até meados de 2001, o Funk ainda era revestido de certo “*status*”. Alguns bailes chegaram a reunir cerca de dez mil jovens. O famoso baile do “Castelo das Pedras” que acontecia de sexta a domingo em uma comunidade em Jacarepaguá (Rio das Pedras), era o programa favorito de centenas de jovens, de diversas localidades do Rio de Janeiro.

Esse baile, assim como, os bailes de comunidade da década de 90, conseguia reunir jovens de diferentes classes sociais, porém em um ambiente pacífico e sem preconceitos. Um dos atrativos do Castelo das Pedras era a segurança. A execução de músicas com letras violentas era proibida e as eventuais brigas eram punidas com a expulsão dos responsáveis pelo tumulto. Por conta disso atraía famosos, como jogadores de futebol e artistas. Este baile chegou a ser considerado o espaço maior da diversão no Rio de Janeiro e foi disputado pelas equipes de som, entre elas, as conhecidas equipes Furacão 2000 e Peoples.

Outro baile que foi sucesso no ano de 2000 e 2001 foi o evento que ocorria toda sexta feira, na Zona Oeste do Rio de Janeiro, no maior parque da cidade, a Terra Encantada, localizada na Barra da Tijuca. Esse baile era considerado mais elitista, reunia jovens, na sua maioria moradores da Zona Sul e da Barra da Tijuca, e diferente do citado baile do Castelo das Pedras, a Terra Encantada muitas vezes foi local de violência e vandalismo. O baile acabou por interdição judicial da vara da Infância e Juventude do Rio de Janeiro.

É bastante comum ouvir acusações contra o movimento Funk, no sentido do ritmo fazer apologia ao tráfico de drogas e vem sendo acusado de reproduzir a rivalidade que existe entre as facções de traficantes que controlam os morros cariocas - o Comando Vermelho e o Terceiro Comando.

As críticas acerca do Funk vem aumentando muito nos últimos tempos. O Funk vive uma espécie de retrocesso, de retorno aos anos 80, quando o ritmo era discriminado e criticado. Na mídia o Funk perdeu espaço, nas emissoras já não tem mais vez nos grandes programas e sua aparição na televisão se restringe em gravações semanais, realizadas por produtoras independentes patrocinadas pelas próprias equipes de som. Devemos considerar porém, que o Funk teve seu espaço reduzido mas não extinto e ainda reúne muitos adeptos.

A adesão entre os jovens parece ter diminuído bastante, o Funk cedeu a vez para outros ritmos como forró, axé music²⁰ e no momento as músicas eletrônicas, que assim como o Funk em sua fase áurea, reúne milhares de jovens nas famosas “festas raves²¹”.

O contexto atual no qual o Funk aparece na mídia, tem um cunho mais lúdico, apelativo a sexualidade e muito menos politizado do que nos anos 80. A musicalidade Funk sempre esteve relacionada ao cotidiano das classes populares. Sendo assim, nos raps e melos atuais, como já foi dito, a temática da sexualidade é bastante explorada.

Esta versão do Funk Brasil continua produzindo celebridades instantâneas como “Bonde do Tigrão”, “Bonde dos Saradinhos”, “Tati Quebra Barraco”, entre outros.

²⁰ Música baiana.

²¹ Festas de duração prolongada, que se estendem por vezes, até 24 hrs.

Não há como negar que houve uma transformação ideológica no movimento, porém essa mudança vem sendo interpretada de forma negativa pela maior parte da sociedade. A nova safra de funkeiros ao privilegiar somente rimas de apelo sexual, sem preocupar-se com conteúdo sócio-político nas letras, tem dificultado a aceitação do Funk enquanto manifestação cultural.

Enfim, em maior ou menor proporção, com status “glomourozo” ou “demoníaco” o funk se faz presente no Rio de Janeiro desde 1980 tendo momentos de ascensão e queda, mas sendo um fenômeno musical marcante, que já está imbricado a dinâmica cultural carioca.

CAPÍTULO 2

Movimento Funk e Novos Contornos Identitários

A discussão de identidade não é algo novo e aceita uma multiplicidade de vertentes e opiniões distintas. O conceito de identidade cultural é bastante complexo.

A identidade é algo realmente formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. A identidade está sempre “em processo”, sempre sendo formada.

Ao comparar as identidades antigas com as identidades modernas, é notável as significativas alterações, tanto a nível macro, quanto a nível local. As velhas identidades construídas ao longo do tempo buscavam uma homogeneidade, uma unidade fixa, porém, essas velhas identidades estão em declínio, e surgem novas identidades, fragmentando o indivíduo moderno até aqui visto como sujeito unificado.

Vejam os que Silva (2000) nos diz a esse respeito:

“As identidades e as lealdades políticas também tem sofrido mudanças: lealdades tradicionais, baseadas na classe social, cedem lugar a concepção de escolha de ‘estilos de vida’ é a emergência da política da identidade...” (Silva ,2000:31)

As identidades fixas e estáveis cedem lugar a identidades distintas, fragmentadas, compostas não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias. Essa discussão se pauta na falência de uma identidade mestra, única e formadora de todos os conceitos, sistemas de representação e identificação.

Parto do pressuposto que as recentes transformações sociais, tecnológicas e econômicas, no âmbito da globalização, colocam em cheque as velhas identidades fixas e estáveis, que podiam catalisar as relações sociais em uma única identidade.

A globalização coloca em questão as fronteiras territoriais e locais, assim como, a relação entre lugares e identidades, permitindo a compressão do espaço e do tempo e encurta distâncias. Como destaca Hall (1999): “A globalização tem efeito pluralizante sobre todas as identidades produzindo uma variedade de possibilidades e novas posições de identificação”. (Hall, 1999: 74). Este processo permite a rápida circulação das informações, das ideologias, da cultura e quebra a rigidez da identidade formada apenas por influências locais e intimidada por sentimentos nacionalistas.

Os processos identitários não existem fora do contexto, mas ao contrário, é exatamente este contexto externo, que vem permitindo o

surgimento de novas identidades. Trata-se de uma nova realidade social, ou melhor, uma complexidade das realidades locais. No mundo globalizado, as identidades perdem suas referências locais.

A identidade passa a ser compreendida, não como algo já construído, mas sim, como um movimento dialético entre o sujeito e a sociedade; sociedade esta que influencia, molda e traz condições para que o indivíduo forme sua própria identidade ou partilhe de identidades preexistentes. Assim, Hall (1999) pontua:

“A identidade torna-se uma celebração móvel, formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representadas ou interpelados dos sistemas culturais que nos rodeiam”. (Hall, 1999:15).

A identidade precisa de um contexto externo para se materializar, para isso se utiliza de várias formas, uma delas é sua afirmação pela diferença. Uma identidade é marcada e reconhecida pelo “não” pertencimento à outra. A identidade e a diferença não são coisas distintas, mas mantêm uma estreita relação de dependência.

É comum considerar a diferença como produto derivado da identidade, nessa perspectiva a identidade é referência, é o ponto original, no qual define-se a diferença. Isso explica a tendência de tornar aquilo que somos como sendo norma pela qual avaliamos aquilo que não somos.

Hall (1999) ilustra essa questão com o exemplo do fenômeno “Black” dos anos setenta. Segundo o autor, o que essas comunidades têm em comum, o que elas representam através da apreensão da identidade “Black“, não

significa dizer, que elas sejam, cultural, étnica, ou mesmo fisicamente a mesma coisa, mas que elas são vistas e tratadas como a mesma coisa pela cultura dominante, ou seja, não são brancas. Entretanto, apesar do fato de que esforços são feitos para dar a essa identidade “Black” um conteúdo único, ela continua a existir como uma identidade ao longo de uma larga gama de diferenças.

O “Black” foi assim um exemplo, não apenas do caráter político das novas identidades, mas também, como a identidade e diferença estão articuladas ou entrelaçadas em identidades diferentes, uma, nunca anulando completamente a outra.

A identidade e a diferença são socialmente produzidas. A identidade tal como a diferença é uma relação social. A diferença é aquilo que separa uma identidade da outra, estabelecendo distinções, freqüentemente na forma de oposições. Como reforça Hall (1999):

“A identidade e diferença partilham uma importante característica: elas são o resultado de atos de criação Lingüísticas . A identidade e diferença têm que ser ativamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo transcendental, mas do mundo cultural e social. Somos nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais .” (Hall,1999:76)

A dinâmica da identidade e da diferença é permeada por amplas relações de poder, elas não são simplesmente definidas, são impostas. Essa relação não é harmoniosa. Afirmar uma identidade é negar, rejeitar e excluir outra, e assim acontece à disputa, em fazer prevalecer uma identidade, ou

seja, um farto sistema de representações e interesse sociais, em detrimento de outras.

Como destaca Hall (1999):

“ A afirmação da identidade e a enunciação da diferença traduzem o desejo dos diferentes grupos sociais, assimetricamente situados, de garantir o acesso privilegiado aos bens sociais. A identidade e a diferença, estão pois, em estreita conexão com relações de poder. O poder de definir a identidade e de marcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder. A identidade e a diferença não são nunca inocentes.” (Hall,1999:81)

Podemos dizer que onde existe diferenciação, aí está presente o poder. A identidade e a diferença se traduzem assim, em declarações sobre quem pertence e quem não pertence, quem está incluído e quem está excluído.

Hall (1999) faz uma análise relacional entre cultura e significado, como destacado abaixo:

”Ao examinar sistemas de representação é necessário analisar as relações entre cultura e significado. Só podemos compreender significados envolvidos nesse sistema se tivermos alguma idéia sobre quais posições-de-sujeito eles produzem e como nós, como sujeitos, podemos ser posicionados no seu interior.” (Hall,1999:17)

Ver a identidade e diferença como uma questão de produção e performance significa tratar as relações entre diferentes culturas, não como

uma questão de consenso, mas como uma questão que envolve, fundamentalmente, relações de poder.

É importante destacar as formas de representação social trazidas pela expressão da identidade e deslocar o debate para a realidade atual, ou seja, a identidade pode trazer características e representações não só de sujeitos isolados, mas de grupos que se identificam por similaridades e partilham de idéias comuns, apesar de não serem idênticos, pois trazem no seu interior distinções.

Como foi discutido acima a complexificação social, o desenvolvimento de novas tecnologias e a globalização, são forças que motivam a pluralidade da sociedade, motivando em particular a construção de identidades.

Essa fluidez cultural interfere diretamente no processo de formação identitária e o Funk segue esta perspectiva, pois faz parte do cruzamento cultural e político do movimento negro, com o Black Power²², o Soul Music²³, o Charm²⁴, o Miami Bass, entre outros ritmos e culturas advindas de diferentes localidades, que formam a diáspora negra. Mais uma vez, ressalto que o sujeito moderno não fica mais preso a uma identidade fixa que represente todos os momentos de sua vida; é possível mesclar e se apropriar de várias culturas.

Babha (1998), em seu livro: Os locais da cultura, aborda o processo de cruzamento cultural. No Funk temos o exemplo do que Babha (1998) chama de “diferença cultural”:

²² Movimento cultural e musical que envolvia música e exaltação da cultura negra

²³ A união do ritmo Blues com o Gospel

²⁴ Derivação da Black music com baladas mais românticas

“Espaço cultural, além das fronteiras geopolítica, uma cultura além da língua, da nacionalidade, uma cultura protagonizada das diferenças e das minorias. Há uma negociação entre gênero e classe, em que cada formação enfrenta as fronteiras deslocadas e diferenciadas de sua representação como grupo e lugares enunciativos nos quais os limites e limitações do poder social são confrontados em uma relação agonística.” (Babha,1998:55)

As vantagens e facilidades do mundo globalizado e a transição das culturas, informações e mercadorias foram fundamentais para difusão do ritmo Funk no Brasil. Como destaca Herchmann (2000):

“O funk é indústria que envolve produção e consumo de roupas, discos e Cds, aulas de dança e academias, programas de TV e rádio, revistas, fanzines, peças de teatro e até sites na internet, chegando a gerar só nos bailes direta e indiretamente vinte mil empregos e movimentar 10,6 milhões de reais por ano”.

(Hershmann,2000 :248)

Na linguagem, por exemplo o Funk consegue utilizar uma combinação de gírias que produzem um “dialeto” específico dos funkeiro. São muitas gírias, algumas mais antigas que até hoje são usadas e já caíram no gosto popular. Como por exemplo: “shock”²⁵, “galera”²⁶ etc. A maneira de vestir-se do funkeiro também impõe singularidade, chegando a se tornar um modismo; seus referenciais estéticos passaram a ser consumidos por diversos jovens.

²⁵ para expressar algo muito legal

²⁶ turma de amigos

A partir da discussão feita a respeito da formação da identidade cultural e das sucessivas transformações a que esta vem se submetendo, procuro analisar a relação destas novas identidades, com os movimentos culturais que estão surgindo e ganhando espaço no cenário brasileiro.

O indivíduo hoje tem a possibilidade de escolher suas preferências, seus estilos e opções de vida, sem necessariamente ter que assumir uma identidade homogênea, mas ao contrário, ele pode identificar-se por correntes culturais diferentes ou até mesmo opostas e utilizá-la na construção de sua própria identidade. Por outro lado, o Funk consegue mesclar culturas e estilos diferentes, mais ainda assim formar um movimento sólido e coeso que se distingue de todas as suas influências e é facilmente reconhecido.

O Funk e o estilo funkeiro são frutos das possibilidades oferecidas pela modernidade, pelo contexto de transformações tecnológicas e sociais que permite que as culturas e os saberes se cruzem. A farta oferta de estilos de vida, facilmente remodeláveis, pode nos dar a impressão que escolhemos nossas identidades como se fossemos consumidores em “um *shopping center* da cultura”.

No caso do Funk, os jovens constroem um estilo singular através de um conjunto de elementos, como a fala, as roupas, a dança, a música, entre outros. Esses elementos não são necessariamente apropriados de uma única cultura. Essa nova realidade híbrida permite este cruzamento cultural que o Funk representa muito bem.

Como já foi frisado, o Funk não pode ser visto como uma cultura “dominante” e “onipresente”, que impõe seu modo de vida a todos os instantes. O movimento Funk é sim uma expressão cultural presente ativamente

principalmente nos subúrbios e favelas cariocas; porém devemos levar em consideração o fato do Rio de Janeiro absorver uma variedade de grupos com estilos de vida e visões de mundo completamente diferentes uns dos outros.

O universo Funk contribui para explicar a diversidade cultural que já existe na metrópole do Rio de Janeiro. Como lembra Vianna (1988): “O mundo funk é um mundo “paralelo” que se aproveita dos espaços deixados em branco pela indústria cultural tornando-se uma opção de agrupamento metropolitano.” (Vianna,1988:34)

Mesmo que flexível, não podemos negar que o Funk imprime a existência de certo modismo, mas como já foi dito, isso ocorre em tempos e lugares específicos. Quero dizer com isso, que a forma como um jovem se comporta, se veste e se relaciona em um baile Funk não é a mesma forma que age, por exemplo, na escola, no trabalho ou na vizinhança.

O Funk não exige uma adesão completa a sua configuração. Este permite ao jovem como que “mudar de mundo”. É importante afirmar a importância gradativa que não só a cultura funk, mas todo conjunto de grupos urbanos associados aos estilos musicais tem desempenhado junto aos jovens. Estes jovens vem se encontrando nas representações associadas a estes universos musicais e a sociabilidade que eles promovem.

Como ressalta Herschmann (2000):

“Esses grupos sociais parecem construir, por uma via sinuosa e por constantes tensões e conflitos e negociações, um conjunto de códigos culturais (com referencias locais e globais) que lhes tem permitido ocupar, simultaneamente, uma posição periférica na cultura contemporânea”. (Hershmann,2000:18)

Vivemos hoje um tempo marcados pelas heterogeneidades e o movimento Funk se enquadra nesse contexto, pois mescla um conjunto de práticas sociais e articula seus estilos, garantindo sempre a renovação e a diversidade. Como nos lembra, Hall (1999):

“As paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia e nacionalidade, que no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais, estão fragmentadas. Defrontamo-nos com o descentramento dos indivíduos, tanto do seu lugar do mundo social e cultural, quanto de si mesmos, isto é, as identidades modernas estáveis foram deslocadas ou fragmentas. Ou seja, nesses contexto antigas unidades vêm sendo redimensionadas “hibridizadas” e repontecializadas”. (Hall,1999: 69)

O estilo trazido pelo Funk através de seus produtos culturais formam o principio da estética que Herschamann (2000) denomina de estilo “pegue e misture”, elabora entre os jovens sentidos e identidades, e ao mesmo tempo os integra em um mundo cada vez mais globalizado.

Como destaca Herschmann (2000):

“Ao construir seu mundo a partir do improviso, da montagem de elementos provenientes também da cultura transnacionalizada, em cima daquilo que está em evidencia naquele momento, esses jovens, se não ressitua sua comunidade, amigos e a si mesmo no mundo, pelo menos denunciam a condição de excluídos de estrutura social. As negociações e tensões, a afirmação de diferenças e as hibridizações parecem vir garantindo visibilidade, vitalidade e algum poder de reivindicção a estes jovens”.(Hershmmann,2000:212)

A experiência individual de cada jovem dá contorno singular as expressões culturais, pois esses jovens não adotam um estilo como quem “veste uma camisa”, eles traçam uma relação de reciprocidade, sendo possível optar por identificar-se e atrelar-se a expressões culturais que correspondem aos seus interesses, mobilizem suas expectativas e traduzam sua realidade.

Para finalizar esta discussão, defino o conceito de identidade, que será utilizado neste trabalho. Baseio-me nos conceitos trazidos por Castells (1999) que define a “identidade como fonte de significado e experiência de um povo.” (Castells,1999:22) . A análise de Castells (1999), muito tem em comum com as questões já discutidas, este autor aceita que para um indivíduo, pode haver identidades múltiplas.

Vejamos a seguir:

“No que diz respeito a atores sociais, entendo por identidade o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, e sem os quais prevalecem sobre outras fontes de significados. (Castells,1999:22)

Como também já foi dito, Castells (1999) concorda que a identidade é construída e levanta como questão relevante o contexto que permeia essa construção, ou seja, para construção da identidade o sujeito (individual ou coletivo) se utilizara de “matéria-prima” externa, porém essa matéria é processada de forma singular.

O autor Castells (1999) define três tipos de identidade: A identidade legitimadora, identidade de resistência e a identidade de projeto²⁷. Destaco a identidade de resistência como sendo a que melhor se associa a identidade construída pelo Funk.

Assim como, definida por Castells (1999) a identidade de resistência é criada por sujeitos que se encontram em posições, ou condições desvalorizadas e estigmatizadas. Esses sujeitos ocupam a mesma posição no *locus* social. Segundo Castells (1999): “...Geralmente surge por um lado, a partir de um sentimento de alienação e, por outro, de ressentimento contrário à exclusão injusta, de natureza política, econômica ou social.” (Castells,1999:23).

Cabe aqui ressaltar, que no caso do movimento Funk essa identidade de resistência não parece caminhar no sentido de construção de uma identidade de projeto, como foi o caso do movimento feminista, por exemplo. Este movimento, que começou com a formação de uma identidade de resistência, ao longo do processo, evoluiu, amadureceu e coletivamente construiu o que Castells (1999) denomina de uma “identidade de projeto”.

Parto do pressuposto que essas identidades de resistência são formadas em meio de algum tipo de exclusão, então sujeitos que partilham de representações, gostos e sentimentos em comum se aproximam e criam uma espécie de “identidade coletiva” que se choca com outras identidades tidas como convencionais.

Este é o exemplo do Funk que reúne em uma identidade coletiva: A “identidade funkeira”, uma série de atributos que são considerados muitas vezes pela sociedade como inferiores ou medíocres. Essa identidade passa a

²⁷ Ver Castell 1999.

ser marcada pela diferença, ou seja, a identidade funkeira é diferente e muitas vezes se opõe a outras identidades.

Como afirma Castells(1999):

“São todas manifestações do que denomino exclusão dos que excluem pelos excluídos, ou seja, a construção de uma identidade defensiva nos termos das instituições ideológicas dominantes, revertendo o julgamento de valores e ao mesmo tempo reforçando os limites da resistência”. (Castells,1999:24)

O Funk bem representa o movimento de uma minoria estigmatizada que através da música e da cultura Black vem ganhando visibilidade no espaço social, principalmente no *locus* urbano e periférico.

A seguir, trataremos de questões que dizem respeito especificamente, ao *locus* empírico, em que se dá a pesquisa de campo: A favela da Mangueira. Dados referentes ao local serão expostos e problematizados. Trabalharemos também, com os resultados de uma parte da pesquisa de campo, que refere-se as observações participantes realizadas nos bailes Funk do local.

CAPÍTULO 3

A Mangueira e o Baile Funk

“A mangueira de encantos mil (...) / és filha deste Brasil, que tens nome na história (...) / Namoradas do cruzeiro (...) / Tu no samba brasileiro tens a fama e tem a glória.”
(Samba Enredo da Mangueira, composto por Kid Pepe e Alcebiades Barcelos em 1937)

Tratar de questões relacionadas à pobreza urbana, especialmente morros e favelas cariocas, é um tanto complexo, estas áreas circulam no imaginário social como um ambiente misterioso. É comum alimentar curiosidades e especulações acerca do cotidiano dos que habitam nesses locais.

A palavra favela, por si só, já traz significados pejorativos. Podemos perceber isto, na descrição dada à palavra no dicionário brasileiro: *Favela: Conjuntos de habitações toscamente construídas (por via de regra em morros) e desprovidas de recursos higiênicos (Dicionário Aurélio Buarque de Holanda:1986:234,762)*

A mídia e o senso comum também mantêm uma imagem pessimista acerca dos morros e favelas. É recorrente relacionar estas áreas com a violência, criminalidade e pobreza. Isto não é recente, a idéia de favela como

um “foco”, como reduto da marginalidade e transmissora de doenças, já é bem antiga. Desde o início do século, as áreas mais pobres da cidade eram vistas como locais perigosos, insalubres e refúgio de criminosos. Como elucida Alvito e Zaluar (1999):

“Ao longo deste século, a favela foi representada como um dos fantasmas prediletos do imaginário urbano; como foco de doenças, gerador de mortais epidemias, como sítio por excelência de malandros e ociosos, negros inimigos do trabalho duro e honesto; como amontoado promiscuo de população sem moral.” (Alvito e Zaluar,1999:9)

De fato sabemos que estes locais, são de certo, desprovidos de aparatos urbanos, sua infra-estrutura é precária e constantemente é palco de episódios de violência. Porém aliar esta população somente a fatos como esses é limitar a questão. Não busco aqui esgotar argumentações, mas considero importante não trabalharmos com pré-conceitos no trato com esta questão tão singular.

Vejamos a definição de favela publicada no documento escrito pela Secretaria Municipal de Assistência Social do Rio de Janeiro, em novembro de 2004:

“As favelas e conglomerados passaram a ser produtoras e reprodutoras de um intenso processo de precarização das condições de vida e de viver, da presença crescente do desemprego e da informalidade, de violência, da fragilização dos laços familiares e sociais, ou seja, da produção e reprodução da exclusão social, expondo famílias e indivíduos a situações de risco e vulnerabilidade.” (Secretaria Municipal de Assistência Social do Rio de Janeiro)

Muito se discutia acerca das favelas, mas somente no início dos anos 70 é que se iniciam os estudos específicos sobre a pobreza urbana no Brasil. Nesta época o IBGE lança uma linha de estudos e pesquisas sobre o tema.

Nos dias de hoje; os morros e favelas do Rio de Janeiro ganham visibilidade, mas ainda assim prevalece a visão negativa. A favela abriga pessoas comuns, vivencia questões cotidianas e é um lugar com características específicas, mas onde vivem também pessoas com ambições, que driblam a realidade e mantêm uma vida simples, mas digna. Como ressalta, Zaluar(1994):

“É nesse cenário opressor, nesse espaço de segregação moral, nesse campo definido de fora como o campo da criminalidade, que os trabalhadores urbanos de baixa qualificação arrumam e enfeitam suas casas, educam seus filhos, inventam estratégias de sobrevivência, montam organizações vicinais para reivindicar melhorias no bairro e para tornar alegre seu lazer.”
(Zaluar,1994:15)

Apesar do debate acerca da pobreza e exclusão estar em evidência, é comum haver uma confusão em relação a esses conceitos, o que se entende de fato por exclusão, e conseguinte por excluídos.

Tratamos de uma população segregada em uma favela carioca (Mangueira). Utilizo o termo segregada para definir a população que habita os morros e favelas cariocas. Sabemos que no Brasil nunca houve uma segregação oficial, porém vemos na realidade que uma população muito singular habita estes locais, população esta, que vive excluída do acesso a serviços, divide dificuldades financeiras, partilha de condições de moradia precária, entre outras particularidades que bem já conhecemos.

Reconheço que existem níveis e graus de exclusão diferentes e isso precisa ser levado em consideração. O autor Castel (1997) alerta sobre a armadilha que a nomenclatura “exclusão” pode representar. Este autor critica a heterogeneidade de seus usos. Como cita Castel (1997): “Ela (exclusão) designa um número imenso de situações diferentes, encobrendo a especialidade de cada uma.” (Castel:1997,17).

Pretendo deixar claro que quando me refiro a exclusão, quero referir-me a cidadãos desprovidos de bens e serviços, sem condições de moradia adequada e que disputam em condições desiguais das oportunidades e são facilmente encontrados nos morros e favelas da nossa cidade. Vejamos o que Zaluar (1997) nos diz a este respeito:

“As trajetórias e as situações vividas por meninos de rua, jovens usuários de drogas, favelados, trabalhadores desempregados ou biscateiros, homossexuais, umbandistas, negros e mestiços são muito diferentes entre si.” (Zaluar,1997:4)

Utilizo aqui para definir a parcela da população, com a qual trabalharemos neste estudo, o conceito de exclusão, definido por Zaluar(1997):

“A exclusão como manifestação de injustiça (distributiva) se revela quando pessoas são sistematicamente excluídas dos serviços, benesses e garantias oferecidos ou assegurados pelo Estado, pensados, em geral, como direitos de cidadania.” (Zaluar,1997:4)

Se analisarmos o panorama geográfico da cidade do Rio de Janeiro, veremos que as favelas e morros são cada vez mais numerosos, surgem e se proliferam nos locais mais variados. As causas para este crescimento desordenado das favelas nas grandes cidades são inúmeras; mas uma delas é citada na maior parte dos estudos que abordam o problema: O processo acelerado de urbanização.

A década de 50 foi um marco desse processo. A população cresceu e expandiu-se os grandes cinturões de pobreza nas metrópoles. Essa situação é visivelmente mais crítica nas grandes cidades. Segundo informações do site Armazém de dados, o Rio de Janeiro e São Paulo reúnem 50% da pobreza urbana do Brasil e apenas 3% da população das metrópoles encontram-se nas áreas rurais, ficando 97% dos seus moradores na zona urbana.

Este deslocamento populacional resulta no que hoje é um dos problemas mais desafiadores, que é o processo de favelização que atinge a cidade carioca.

Como enfatiza, Brandão (2004):

“Na pobreza esta contida questões relativas à insuficiência de renda e trabalho, e também aquelas vinculadas a não existência de infra-estrutura física nos locais de moradia. A inoperância ou ausência das políticas sociais, à sujeição a violência, à não garantia de direitos básicos e cidadania.” (Brandão,2004:12)

Muito se discute sobre as particularidades que envolvem as favelas cariocas e alguns acreditam que as favelas “são cidades dentro das cidades”,

ou que a “cidade é partida/dividida”, mas enfim, estas diferentes definições visam expressar a desigualdade existente no Rio de Janeiro.

Como pontua Carvalho (1999):

“Vive-se no Brasil um verdadeiro “apartheid” entre ricos e pobres. Não se percebe, mas este apartheid é notório, especialmente nas regiões metropolitanas, onde a maioria da população vive confinada em cortiços, favelas e casas precárias na periferia, excluídos não apenas de acesso a bens e serviços, mas também do usufruto da própria cidade.” (Carvalho,1999:96)

Neste capítulo abordarei o complexo da Mangueira, que nos servirá de base empírica no decorrer deste estudo. Desta forma, é relevante conhecermos um pouco do seu histórico, ocupação, dados urbanos e populacionais. Ou seja, um apanhado das características físicas e populacionais da comunidade.

Utilizo para tanto, dados de fontes diversas, entre eles: censos locais, informações do Pouso²⁸ da comunidade, de Ongs que desenvolvem trabalho no local, assim como de sites da internet²⁹. Consultei também o arquivo da Estação primeira da Mangueira que possui um vasto acervo com informações da comunidade desde a origem até os tempos atuais.

A Mangueira é uma comunidade situada na zona central do Rio de Janeiro e existe à aproximadamente cem anos. É considerado um complexo

²⁸ Local estratégico dentro das favelas e morros, onde arquitetos, engenheiros e assistentes sociais, desenvolvem serviços na comunidade, trata-se de uma criação da política municipal de habitação e da política de assistência social.

²⁹ Armazém de dados (www.armazemdedados.rio.rj.gov.br), IBGE(www.ibge.gov.br), Fundação Getúlio Vargas(www.fgv.gov.br).

periférico de grande extensão. O morro possui 86% de área construída³⁰, é subdividido em quatro favelas: Telégrafos, Chalé, Buraco Quente e Parque Candelária, sendo que todas estas, são divididas em áreas menores, que formam pequenos núcleos. Podemos citar alguns deles: Pindura Saia, Santo Antônio, Faria, Vila Miséria, Curva da Cobra, Olaria, Pedra, Pedreira, Caboclo, Portão dois, entre outros.

É comum no arranjo das favelas e morros do Rio de Janeiro, essa divisão por áreas e subáreas, nas mais de 700 favelas existentes no nosso município, encontramos um arranjo original e único.

Como destaca Alvito (1999):

“A existência de microáreas, por exemplo, é um fenômeno comum a todas as favelas cariocas, mas a importância relativa a cada uma delas, sua ligação com características econômicas, ecológicas, históricas e identitárias, varia de favela em favela.” (Alvito ,1999:202)

A população total do morro soma em torno de 19 mil habitantes e segundo dados do IBGE, hoje é a oitava maior favela do Rio de Janeiro.

A história da Mangueira se inicia aproximadamente em 1852, quando se inaugurou nas proximidades da Quinta da Boa Vista o primeiro telégrafo aéreo do Brasil, implantado pela família imperial. A elevação vizinha da Quinta era conhecida como Morro dos Telégrafos. O nome Mangueira veio logo em seguida, pois a região era uma das principais produtoras de mangas do Rio de Janeiro. No local existia uma fábrica de chapéus, chamada Fernando Fraga e

³⁰ Dado retirado do Site Armazém de dados(www.armazemdedados.rio.rj.gov.br)

não demorou muito para que a fábrica mudasse seu nome para fábrica de chapéus Mangueira.

O nome Mangueira passou a ser a nomenclatura oficial do complexo. Em 1889 foi inaugurado pela central do Brasil, a estação férrea de trem da Mangueira, consagrando de vez o nome do morro.

Nesta época o local começou a ser povoado. A extensão de terra tinha dono, era o Visconde de Niterói, que recebeu a terra como presente do imperador Pedro II, mas ele já estava morto quando os primeiros moradores instalaram os seus barracões, e outros, construíram moradias para alugar, como foi o caso do português Tomás Martins, padrinho do falecido compositor e poeta Carlos Moreira de Castro, que seria imortalizado pelo apelido de Carlos Cachaça, que apontou o padrinho como o verdadeiro fundador do Morro de Mangueira, por ter sido o primeiro a explorá-lo como local de moradia³¹.

Embora a ocupação do morro tenha ocorrido desde o fim do século passado, o seu adensamento ocorreu a partir da década de 1930. O primeiro local a ser povoado foi o Parque Candelária. Vejamos o que Casé (1996) nos diz a este respeito:

“No século passado, nas proximidades do local conhecido como Candelária, havia uma olaria; posteriormente surgiu a “Cerâmica Brasileira”, que produzia refratários, azulejos e pisos. No início do século, essa fábrica exerceu importante papel na vida dos moradores daquela área, pois muitos eram seus operários. A despeito disso, as empresas, visando a expansão dos seus galpões, com apoio do Exército, mandaram retirar um grande número de barracos. Expulsos, os moradores começaram a ocupar a parte

³¹ Dados retirados do Site da Estação Primeira da Mangueira(www.mangueira.com.br).

mais elevada do morro. Posteriormente, foram sendo implantadas, na avenida Visconde de Niterói, outras fábricas como a de calçados, chapéus e Café Paulista, que já fecharam há alguns anos. "(Case,1996:41)

O aumento populacional da área ocorreu de forma rápida. Outro elemento que contribuiu para o crescimento populacional do morro esteve relacionado, ao fato, de que no período da Primeira Guerra Mundial a área do morro foi considerada área de segurança nacional. Após a guerra, o Exército permitiu que muitos soldados, que serviam em quartéis próximos e moravam em locais distantes, construíssem suas moradias no morro da Mangueira.

Surgia assim na Mangueira uma comunidade de gente pobre, constituída quase que na totalidade por negros, filhos e netos de escravos, inteiramente identificada com as manifestações culturais e religiosas que caracterizavam esse segmento social e racial.

O complexo da Mangueira é a terceira favela mais antiga da cidade³². Seus limites são: ao norte, o bairro de Benfica; a nordeste e leste, São Cristóvão; ao sul, o Maracanã; e a sudeste e oeste, São Francisco Xavier.

Os primeiros movimentos de organização social no complexo da Mangueira surgiram em torno de manifestações artísticas e esportivas. Os blocos carnavalescos e as rodas de samba deram origem à primeira escola de samba em 1928, conhecida como Estação Primeira da Mangueira, fazendo assim, a relação do samba com o trem "parador" saído da Central do Brasil. A escola foi pioneira a ter uma antecipação de samba de enredo, caracterizado como tal, ainda quando se reunia para sair entre cordas.

³² Informação retirada no site da Estação Primeira da Mangueira (www.mangueira.com.br).

A história da mangureira muitas vezes se confunde com a história do samba, foi nesta comunidade que se imortalizaram muitos nomes consagrados pela cultura negra, como: Carlos Cachça, Tia Neuma, Dona Zica, Cartola e outros ex-componentes da velha guarda, que fizeram chegar à mangureira, um tipo de música muito cantada pela comunidade negra do Rio de Janeiro, instalada em vários bairros das proximidades do centro da cidade.

Como cita Oliveira e Marcier (1999):

“Paralelamente à sua configuração como o espaço do pobre, a favela viria se consagrar também como o espaço do samba. Tal associação que na verdade se faz entre samba e morro, de tão forte e recorrente na produção musical, tende a ser tomada como elemento constituinte da própria definição de favela.” (Oliveira e Marcier, 1999:82)

Não só o samba fez história na comunidade, a religião não pode deixar de ser citada. Uma figura marcante neste cenário foram as tias, baianas, doceiras, bordadeiras e festeiras, tão presentes nos relatos dos historiadores do samba. Suas casas eram simples, mas confortáveis, freqüentadas por gente da média e da alta sociedade.

Embora fosse uma época em que as religiões não católicas, sobretudo as negras, eram intoleradas pelas autoridades, no caso das tias a polícia fazia “vista grossa”, ao invés de religião, rotulavam aquelas manifestações de “cultura Afro-Brasileira”. Desta forma as “religiões Afro” eram manifestadas na comunidade e permanecem até os dias de hoje, sendo até mesmo fonte de renda de algumas famílias.

Como relata Santos (1999):

“No início dos anos 30, grande parte da população dos morros e favelas cariocas era constituída de negros e mulatos, e a influencia de traços culturais africanos mostrava-se clara no samba, na umbanda e no clima único comunitário que lá se encontrava: a porta da casa estava sempre aberta aos que chegassem, a panela sempre tinha comida para mais um, e a cachaça sempre era dividida.” (Santos,1999:132)

Ao longo do tempo, com o crescimento e visibilidade social, os morros do Rio de Janeiro passam a ser *locus* privilegiado da produção musical. O primeiro enredo da Mangueira foi “Chega de Demanda” (Cartola), desde o título já se percebe que se trata de protesto, de um manifesto. As letras musicais sempre foram forte elemento de expressão e a Mangueira desde início as usava como tal.

Como nos lembra Oliveira e Marcier (1999):

“As músicas desse período enfatizam a temática da carência e da fome, lamentam a sorte do morro e de seus moradores e insinuem que esse quadro deve ser mudado.” (Oliveira e Marcier,1999:99)

Na década de 60, com o autoritarismo e a repressão política instaurada no Brasil cresce a importância da cultura, em especial, da música, como veículo de contestação política e social.

No decorrer do tempo, vários fatores conjunturais contribuíram para que o samba ganhasse notoriedade na cidade, deixando de ser elemento de preconceito para ser exaltado enquanto cultura popular.

A partir dos anos 80 o “mercado do samba” se intensifica, as escolas de samba, ficam ainda mais numerosas e organizadas. Em 1984, no governo de Leonel Brizola, o Sambódromo foi construído, ganhando um olhar atento da imprensa.

Outro acontecimento que contribui para o fortalecimento das escolas de samba foi a criação da Liga independente das Escolas de Samba (Liesa). Sociedade civil sem fins lucrativos, a Liesa, ao separar-se da Associação das Escolas de samba do Rio de Janeiro (ESRJ), assumiu a organização do desfile, sendo representante das dez maiores escolas do chamado grupo especial (entre elas a Estação Primeira da Mangueira) que são as que mobilizam mais pessoas, dinheiro e prestígio. Como reforço Santos (1999):

“É no carnaval e nos desfiles das escolas que a associação entre samba e favela se explicita mais claramente, não se pode, porém esquecer o significado do samba na vida cotidiana, tampouco o papel socializador que ele aí desempenha.” (Santos,1999:135)

Assim a importância da Escola de samba Estação primeira da Mangueira, torna o morro muito mais visível e presente na vida da cidade, e isso traz consequências interessantes para a comunidade, fazendo com que ela mantenha outro tipo de relação com as agências governamentais, Ongs, organizações internacionais e iniciativa privada.

Sabemos que o desfile das escolas de samba tornou-se uma gigantesca indústria cultural, e as escolas de samba tornaram-se produtos de exportação, alcançando expressão internacional. A Mangueira hoje tem no

samba uma fonte de geração de renda, recursos e investimentos e que movem anualmente 13 milhões de reais³³.

Como ressalta Santos (1999):

“Hoje, cada escola do primeiro grupo necessita no mínimo de 1 milhão e meio de dólares para fazer seu carnaval, mas só a metade desse dinheiro corresponde a venda de arquibancadas. A outra metade é financiada por contraventores, por governos estaduais (não só do Rio de Janeiro) interessados em apoio eleitoral ou ainda por industriais e comerciantes, estes em menor proporção.” (Santos,1999:135)

Em função dessa importância cultural na cidade, a Mangueira ficou conhecida mundialmente e é uma das comunidades com maior número de projetos sociais.

Segundo Santos (1999):

“A mangueira, com seu discurso de defesa da tradição, atualmente pode ser considerada uma das escolas mais modernas, pois apresenta grande flexibilidade em suas apresentações e consegue apoio diversificado de diversos setores da sociedade, mantendo forte vínculo não mais apenas com os representantes do poder público, visto que tem demonstrado uma iniciativa exemplar na elaboração de projetos sociais que tem como objetivo a captação de recursos privados.” (Santos,1999:121)

³³ Dados da Revista do Carnaval de janeiro de 2004. A revista é uma produção anual produzida pelo setor de marketing da Estação Primeira da Mangueira.

Não é suficiente contar com um grande número de programas e projetos sociais, receber financiamento e ser alvo de um olhar atento das esferas públicas, se isso não se refletir significativamente no cotidiano desta população. Apesar de a Mangueira estar inserida na agenda das políticas sociais, os resultados a curto, médio e longo prazo são incipientes.

3.1 – Características populacionais: Um olhar sobre a favela Parque Candelária

A mangueira atualmente tem em torno de 19 mil moradores e 4.695 famílias³⁴, divididos entre os diversos pontos do complexo. A comunidade não é diferente das demais zonas de concentração de pobreza do Rio de Janeiro, segundo estudo realizado pela Ong Roda Viva³⁵, a população é composta por 74% de afros-descendentes.

Tendo em vista a extensão do complexo da Mangueira e sua numerosa população, este estudo irá se ater a uma área específica do morro: O Parque Candelária³⁶.

Esta região do morro da Mangueira ficou conhecida pelo nome de Candelária, pois nos anos 50 o Exército cedeu alguns terrenos da parte alta do morro para a irmandade da Matriz Nossa Senhora da Candelária, como a Igreja não ocupou todas as terras doadas, a área que sobrou passou a ser usada por famílias pobres.

A ocupação se deu por volta de 1940 e foi constituída na sua maioria por pessoas oriundas do estado de Minas Gerais e do próprio estado do Rio de Janeiro. Algumas famílias eram provenientes da favela do esqueleto, onde se localiza atualmente o campus da Uerj.

A localização da região pode ser considerada intermediária, se encontra relativamente em uma parte baixa do morro. Vale lembrar, que a mangueira é um complexo, todo dividido em áreas, algumas mais carentes,

³⁴ Dados fornecidos pelo Pouso Urbanístico Municipal sediado no Morro da Mangueira.

³⁵ A Ong Roda Viva realiza projetos sociais e culturais dentro da comunidade, assim como estudos sobre área, financiados pela prefeitura do Rio de Janeiro e com recursos privados.

³⁶ Ver foto do local nos anexo 1 e 2.

outras menos vulneráveis. As áreas mais altas do morro são mais precárias e onde a violência é mais evidente. Como afirma Case (1996):

“Quanto mais alto o domicílio, maior será o esforço dependido pelo morador, incluindo os de terceira idade, no freqüente e inevitável trajeto de subida e descida. Quanto mais se sobe o morro, menores são as possibilidades de seus moradores serem estimulados na busca de formas de convívio, de lazer e dos serviços encontrados nas áreas mais baixas ou na cidade formal.” (Case,1996:32)

A Candelária não chega a ser considerada uma das áreas mais carentes, participou do programa Favela-Bairro³⁷ em 1996 e hoje é asfaltada, possui saneamento, coleta de lixo, centro comunitário, associação de moradores e equipamentos municipais, como Posto de Saúde, Creche e Cemasi³⁸.

Apesar de uma notável melhoria na infra-estrutura e nas condições de moradia desta população local, hoje, oito anos depois da implantação do programa Favela-Bairro verifica-se várias moradias construídas em locais de risco, locais estes, de onde haviam sido retiradas centenas de famílias e a área havia sido reflorestada.

O referido programa trouxe indiscutíveis benefícios para população, mas o problema da infra-estrutura urbana e da favelização carioca vem crescendo e tomando proporções que fogem do controle das esferas públicas.

³⁷ Programa da Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro e tem por objetivo urbanizar a favela, concedendo-a status de bairro e integrando-a a geográfica do município.

³⁸ Centro Municipal de Atendimento Social Integrada.

Como elucidada Casé (1996):

“Um dos principais problemas a serem enfrentados no planejamento urbano da favela são as formas de delimitação de seu próprio crescimento e adensamento da ocupação de seus espaços.” (Case,1996:30).

Apesar das citadas melhorias a configuração atual da favela ainda é precária. O espaço parece sempre pequeno se comparado a quantidade de barracos e casebres que se juntam, de diversos tamanhos e construídos com diferentes materiais.

Como ressalta Carvalho (1999):

“Outro elemento esgarçador das relações é a paisagem e as condições do confinamento homogênea pobreza. Amontoados de barracos e habitações do tipo pro-morar, paisagem típica do “apartheid” . É a igualdade homogeneizada da miséria. Todos que aqui convivem tem o mesmo signo : salários baixos, exclusão, discriminação. (Carvalho:1999,99)

Atualmente a população da favela Parque Candelária apresenta a seguinte distribuição:

1040 famílias – com 3.296 pessoas

83% da população é oriunda do estado do Rio de Janeiro

7% é oriunda do Estado de Minas Gerais e o restante é de outros estados, principalmente da região nordeste³⁹.

A Candelária é a favela de maior densidade demográfica do complexo da Mangueira, apesar de ocupar em relação às outras menor área e apresentar o menor contingente populacional.

Quanto aos aspectos econômicos, verifica-se que o número de desempregados é significativo. Entre os que se encontram empregados observa-se que a renda é baixa e varia entre meio e dois salários mínimos. Grande parte dos que se dizem empregados, estão na condição de trabalho precário, informal ou terceirizado, sem garantias concretas, mas ainda assim estão na vantagem se comparado ao grande restante dos moradores que estão, por vezes desempregados a mais de dez anos.⁴⁰

Com relação à profissão e ocupação dos moradores empregados, nota-se que estes consideram biscates e atividades eventuais como única fonte de renda. As atividades exercidas exigem pouca escolaridade e qualificação e a remuneração é insuficiente.

Quanto à escolaridade verificamos que:

5% da população é analfabeta

65% dos moradores não completaram o ensino fundamental;

28% dos jovens não estão na escola

2 % dos moradores estão na universidade⁴¹

³⁹ Dados do último Censo 2004, realizado pelas agentes comunitárias de saúde, do programa Saúde de família, realizado pela Secretaria Municipal de Saúde que atuam no Parque Candelária.

⁴⁰ Dados do estudo realizado pelos técnicos do Cemasi Adalberto Ismael de Souza, no Parque Candelária.

⁴¹ Dados de pesquisa realizada pela Ong Roda Viva em dezembro de 2003.

7% é oriunda do Estado de Minas Gerais e o restante é de outros estados, principalmente da região nordeste⁴².

A Candelária é a favela de maior densidade demográfica do complexo da Mangueira, apesar de ocupar em relação às outras, menor área e apresentar o menor contingente populacional.

Quanto aos aspectos econômicos, verifica-se que o número de desempregados é significativo. Entre os que se encontram empregados observa-se que a renda é baixa e varia entre meio e dois salários mínimos. Grande parte dos que se dizem empregados, estão na condição de trabalho precário, informal ou terceirizado, sem garantias concretas, mas ainda assim estão na vantagem, se comparado ao grande restante dos moradores que estão, por vezes desempregados a mais de dez anos.⁴³

Com relação à profissão e ocupação dos moradores empregados, nota-se que estes consideram biscates e atividades eventuais como única fonte de renda. As atividades exercidas exigem pouca escolaridade e qualificação e a remuneração é insuficiente.

Quanto à escolaridade verificamos que:

5% da população é analfabeta

65% dos moradores não completaram o ensino fundamental;

28% dos jovens não estão na escola

2 % dos moradores estão na universidade⁴⁴

⁴² Dados do último Censo 2004, realizado pelas agentes comunitárias de saúde, do programa Saúde de família, realizado pela Secretaria Municipal de Saúde que atuam no Parque Candelária.

⁴³ Dados do estudo realizado pelos técnicos do Cemasi Adalberto Ismael de Souza, no Parque Candelária.

⁴⁴ Dados de pesquisa realizada pela Ong Roda Viva em dezembro de 2003.

Apesar de em nível federal e até mesmo municipal os dados da educação estarem ganhando relevância e as taxas de analfabetismo estarem sendo combatidas, quando chegamos à ponta do problema vemos que ainda há muito que avançar.

Outro aspecto que deve ser ressaltado é a solidariedade como uma das principais características da comunidade. Os moldes e relações que se firmam no morro são bastante autênticas.

A forte separação existente no Rio de Janeiro entre a cidade formal e a “cidade informal” das favelas deu origem a um profundo sentimento de marginalidade entre os indivíduos que nela vivem, movimento este, que os “obriga” a criar mecanismos alternativos de reconhecimento e sobrevivência.

Em nítida oposição a cidade onde predominam relações interpessoais, a favela é marcada por relações personalizadas, onde todos se conhecem e todos se ajudam. Os laços de parentesco também são comuns, é freqüente ocorrer namoros e casamentos entre moradores da mesma área que procuram continuar residindo nas proximidades.

Como destaca Alvito (1999):

“Os laços de amizade e vizinhança, já incrivelmente ativos, são assim reforçados por laços de parentescos. Isso sem falar no parentesco ritual estabelecido pela existência de “compadres” e comadres”. Esses diferentes tipos de relacionamento concorrem para existência de uma coesa e importante rede de solidariedade. Some-se a isso terem freqüentado a mesma escola pública e o fato de que, muitas vezes, trabalham lado a lado ou mesmo ombro a ombro, carregando mercadorias na Ceasa por exemplo. A possibilidade de ajuda mútua está sempre presente: entre as mulheres, pedir uma caneca de açúcar, arroz ou óleo é bastante comum. Entre os

homens, adiantar pequenas quantias em dinheiro, prestações de trabalhos e rodas de cerveja são as formas mais comuns de troca. Em ambos os casos, há uma etiqueta a seguir: a reciprocidade é um ideal a ser perseguido com esmero, e tanto a generosidade excessivo quanto a avareza são vistas como deslocadas num ambiente marcado pela horizontalidade das relações sociais.” (Alvito,1999:194)

Essa solidariedade vivenciada cotidianamente cria vínculos e sistemas próprios que garantem, mesmo que minimamente, os padrões de reprodução social. É neste processo que nascem alternativas coletivas para suprir necessidades comuns.

A seguir iremos falar sobre o baile da comunidade da Mangueira; o comportamento dos jovens e as problemáticas que envolvem este evento que atrai todo fim de semana centenas de jovens da comunidade.

3.2 – O Baile de comunidade: Uma Experiência no Morro da Mangueira

Uma pesquisa realizada pela Secretaria Municipal de Esportes e Lazer do Rio de Janeiro, junto com a Vila Olímpica da Mangueira, em março de 2004, constatou que 72% dos moradores do complexo demonstram-se insatisfeitos em relação às opções de lazer disponíveis na comunidade.

Como nos remete Carvalho (1999):

“Há que se destacar a exclusão persistente de bens culturais neste cenário de apartheid social. Com a ausência de trocas culturais e sem acesso a serviços de educação, lazer e cultura, as famílias possuem poucas ferramentas para romper com sua identidade de excluídos” (Carvalho,1999:99)

Através do grupo de adolescentes com os quais realizei a pesquisa⁴⁵, pude perceber que em sua maioria, não reconhecem outros espaços de cultura e lazer fora da comunidade.

Em uma oficina temática sobre cultura e lazer que realizei com eles, dos vinte e cinco participantes, somente três citaram como opção de lazer cinema e casas de show. Os demais citaram, pagode, baile, samba, flipper e feirinha, todos eventos que ocorrem dentro da própria comunidade.

⁴⁵ Adolescentes moradores da comunidade, que participam do programa Agente Jovem.

Estes jovens descrevem lazer, como locais e situações em que se sentem bem. Como ilustra L (16 Anos): “*Lazer é diversão, é me sentir bem, é fazer paradas que me dão prazer.*”

Assim:

“A informalidade da favela traduz-se, internamente na criação de locais que proporcionam uma prática sistemática e cotidiano de encontro de seus moradores recortados por múltiplos caminhos, os moradores da comunidade buscam opções e alternativas de lazer.”
(Casé,1996:32)

Várias hipóteses poderiam tentar explicar o pouco deslocamento dos jovens no espaço da cidade. A rivalidade evidenciada em espaços geográficos é uma delas. Em razão do domínio do tráfico nos morros e favelas, muitas vezes o deslocamento dos moradores fora desses espaços é arriscado. Um exemplo é a rivalidade do morro da Mangueira com o morro dos Macacos, localizado na tijuca, zona Norte do Rio. Essa disputa já se refletiu na morte de um adolescente de treze anos que estudava na escola Municipal Humberto de Campos, localizada na área rival. O adolescente era morador da Mangueira e em uma discussão entre colegas essa rivalidade o levou a morte.

A literatura nos aponta que:

“As favelas e grandes conjuntos habitacionais das periferias das cidades serão cenário das disputas extremamente violentas entre grupos pelo controle dessas áreas. Esse processo é particularmente agudo na cidade do Rio de Janeiro.” (Abramovay,1999:56)

Sabemos que os jovens da favela tem características singulares e somam estatísticas preocupantes, porém ao estudar essa população é preciso um olhar crítico, não digo romântico, mas sim atento as particularidades desta parcela.

Como ressalta Zaluar (1997):

“É preciso, pois, examinar com cuidado os padrões alterados de sociabilidade e de negociação de conflitos nesses locais onde as identidades parecem estar agora montadas rigidamente na lógica da guerra.”
(Zaluar:1997,22)

Ao contrário do que eu imaginava, a Quadra da Escola de Samba Estação Primeira da Mangueira não foi citada como melhor opção de lazer, pois segundo os jovens, o espaço é mais elitizado, freqüentado por pessoas que não são da comunidade e isto acaba inibindo os moradores. Como ressalta R (17 anos): *“Lá é bom assim, quando nós tá com dinheiro e tem show maneiro, nós vai tirar uma onda, fora isto não dá pra ficar dando de cara com playboy.”*

Vale informar que a entrada na quadra da Mangueira é gratuita para os moradores da comunidade somente nos ensaios da Escola de samba, nos demais eventos é cobrado ingresso indistintamente.

Como nosso local de referência é a Candelária, utilizo como base da pesquisa o baile Funk que acontece na AMOC (Associação de moradores da Candelária). Nesta associação acontecem outros eventos, como pagode aos

domingos, chás beneficentes e cultos evangélicos, mas o mais citado e freqüentado pelos jovens da comunidade é o "Baile Funk da AMOC"⁴⁶.

Sabemos que o baile é a expressão máxima do funk, é o principal espaço de consagração do ritmo. Como lembra Hershmann (2000) : "O baile é o epicentro, o espaço central, no qual se manifesta os mecanismos de inclusão e exclusão, onde se estabelece os laços sociais e as disputas" (Herschmann,2000:147)

Existem três tipos distintos de bailes Funk: Bailes de corredor, baile normal e o baile de comunidade. O primeiro deles é marcado pela violência e competições agressivas, entre galeras rivais. Este tipo de baile teve grande ascensão a partir de 1995, ganhando espaço na mídia, sendo por diversas vezes alvo de severas críticas pelos veículos de comunicação. O baile de corredor foi objeto de perseguição por parte da imprensa, da justiça e outros atores da sociedade, ainda assim o evento não foi eliminado, mas atualmente ocorre em menor proporção e já não reúne tantos adeptos.

Os bailes denominados "normais" também reservam espaço para confrontos, porém mais controlados, estes bailes continuam sendo promovidos principalmente nos subúrbios e baixada fluminense, em clubes e agremiações locais.

Como não é nosso objetivo um estudo detalhado sobre a tipologia do baile funk, fiz esta síntese apenas para diferenciar o baile que nos serviu de base para este estudo, que é o baile de comunidade, dos demais bailes funk.

⁴⁶ Denominação utilizada pelos próprios jovens.

Os bailes de comunidade, que tiveram seu ápice entre 1994 e 1996 eram considerados a “coqueluche da cidade”, e freqüentado por jovens de vários locais da cidade, não só dos subúrbios e favelas.

O grande atrativo do baile era exatamente esta mistura de classes sociais, assim como a segurança do evento, que sempre foi e continua sendo oferecida pelos chefes do tráfico local. Os bailes de comunidade continuam acontecendo em diversos morros e favelas cariocas, porém atualmente os freqüentadores são quase que na totalidade, jovens da própria localidade. A festa perdeu status, mas sua organização intrínseca continua sem alterações.

Como disserta, Herschmann (2000):

“No que se refere ao funk, o clima de medo e as acusações viam sua credibilidade ameaçada a medida em que jovens de classe media, entre 1993 e 1995, passaram cada vez mais a freqüentar os bailes de comunidade localizados nos morros e ali não identificam o “perigo”. Talvez se possa afirmar que o principal ato político operado pelo funk tenha sido apresentar para esses jovens uma “dura” realidade, favorecendo ao mesmo tempo, o contato com indivíduos que eles praticamente só conheciam em manchetes dos noticiários.”(Herschmann),2000:239)

Diferente dos demais bailes, uma característica marcante do baile de comunidade, é a ausência de conflitos entre as galeras; isso não quer dizer que não exista violência, e sim que é inexistente o confronto entre “galeras” rivais.

Ao discutir com os jovens a respeito da tipologia dos bailes, um deles, assim, descreveu:

“No baile de comunidade, só vai galera da área, porque alemão nós não deixa chegar nem na porta. O nome já diz: baile de comunidade, pô então cada um na sua, se misturar vira um bolo doido aí, não dá certo não.” (T 16 ANOS)

O baile da AMOC acontece aos sábados a partir das dez horas da noite, a entrada geralmente é gratuita e somente quando se apresentam artistas é cobrado ingresso, que varia entre dois e cinco reais. A quadra da associação é espaçosa, tem uma parte coberta e um amplo terreno descampado. Não há censura de idade e o baile é freqüentado por adolescentes a partir de onze anos em média.

Por fim de semana, a associação recebe em média 700 jovens, que não são todos moradores da Candelária, há grande freqüência dos jovens do Caboclo e da Pedra⁴⁷. Segundo os jovens o baile só não enche mais porque no Buraco Quente, também acontecem bailes funk aos sábados.

É instigante a forma como os jovens descreveram o baile, foi notável a magia que este espaço representa para eles e a forma intensa que eles se expressam neste espaço. Apesar do baile se repetir toda semana, os jovens se divertem como se aquele fosse o ultimo evento.

Como nos lembra Vianna(1988):

“(...)Não estamos falando de um baile de carnaval que se repete de ano em ano, mas sim de uma festa funk que acontece todos os fins de semana e cuja intensidade nada deixa a dever se comparada com a mais orgiástica folia de Momo” (Vianna,1988:106)

⁴⁷ Informação dada pelo presidente da associação de moradores, o Sr Paulo.

Para grande parte dos jovens o baile é o maior acontecimento da semana. Como ilustra A (15 anos) :*“Nós não temos muita opção, ou é jogar bola no campinho, ou jogar bingo, mas o melhor é ir pro baile. Tá certo às vezes enjoa, mas o baile é legal, lá tú vê que tá todo mundo na mesma M....(risos)”*

Podemos identificar na fala dessa jovem o reconhecimento de uma identidade, ou seja, ela reforça que os jovens que estão no baile partilham de uma mesma situação e ocupam lugares próximos na sociedade. Quando dissemos, no primeiro capítulo, que o Funk representa uma “identidade de resistência” nos referíamos exatamente a isto, jovens que se unem e se aproximam, por se considerarem, de certa forma, excluídos e partilhando das mesmas condições de desvantagem social.

Para levantar mais informações acerca do evento fiz observação participante no baile. Considero está prática muito importante, pois o contato direto com a população estudada nos permite compreender com mais clareza o cotidiano vivenciado por eles. Como explicita Guertz (1997): “Compreender a cultura é desvendar esse sistema simbólico e para isso é necessário vivenciar o cotidiano e a experiência dos povos.” (Guertz,1997:115)

Trabalhar na comunidade e coordenar um grupo de jovens no local acabou sendo um facilitador para minha entrada no baile. A primeira visita realizei acompanhada de três jovens do grupo, duas meninas e um rapaz. Cheguei no baile por volta das 22:30 hrs quando o local ainda estava vazio e somente por volta das 23:30 hrs o baile começou ficar mais cheio.

Repeti a visita mais três vezes, além desta sempre acompanhada de jovens da comunidade, que definem que o melhor do baile é a música, o ambiente e a multidão de pessoas curtindo juntas.

Como não é minha intenção descrever minuciosamente as visitas preferi apontar e trazer para discussão fatos que me chamaram atenção e que considero importante no contexto deste estudo.

O primeiro deles diz respeito à questão racial. Não devemos menosprezar o fato de que o baile funk além de ser uma alteridade suburbana é freqüentado por uma população em sua maioria de cor negra.

Assim não podemos deixar de citar a intensa presença dos jovens negros no baile, não transformei isso em dados numéricos, mas visualmente posso afirmar que aproximadamente 80% dos freqüentadores são negros ou afro-descendentes. Este fato vem somente evidenciar o traço racial do Funk.

Outro aspecto a ser apontado é a relação de gênero experimentada nesses locais. Em uma das visitas ao baile aconteceu a “festa do cordão”, onde somente os rapazes recebiam um cordão na entrada do baile, e as meninas tinham que sair do baile com pelo menos um cordão para que não pagassem pela entrada, a que saísse com mais cordões ganharia um cd e uma camisa de um Mc. Neste baile consegui informações junto à bilheteria, de que dos 631 jovens que se encontravam no local apenas 287 eram homens o restante eram meninas. Isto confirma a presença maior por parte das meninas.

Esse é um ponto a ser discutido, porque é comum afirmar que os bailes Funk eram freqüentados na maioria por jovens do sexo masculino. Se fizermos uma comparação com o Funk da década de 80 veremos que este

arranjo mudou; pois nas narrativas sobre o movimento da época a presença majoritária dos jovens sempre era ressaltada.

Assim:

“O movimento produzido pelo funk é realmente masculino. Os rapazes desempenham um papel ativo nesse universo. Entretanto a presença feminina é fundamental no sentido de produzir uma descontração no baile criando um clima de sedução que rivaliza e se articula com o de competição, bastante presença entre os rapazes.” (Herschmann,2000:158)

A configuração atual está bem distante disto. O que vemos no baile é a presença maciça das jovens, o que não quer dizer que o quantitativo de meninos não seja expressivo. Todavia, poderíamos encontrar diversas explicações para este fato, uma delas é a distribuição de gênero da própria comunidade, que perceptivelmente é composta por um maior número de mulheres, que conseqüentemente é refletido nos espaços de lazer.

O que é importante a ser discutido é que apesar do número de jovens, a presença masculina ainda exerce um grande poder simbólico e ainda que em menor quantidade, a presença dos homens no baile exerce um papel fundamental. A começar pela própria organização, os Djs, por exemplo são quase sempre homens. Entre os Mcs e artistas do Funk, essa diferença se diluiu bastante, atualmente podemos ver a presença feminina até nos palcos.

De acordo com o relato dos jovens, no baile é permitida a entrada com qualquer tipo de vestimenta. O freqüentador pode ir de chinelo, sem camisa, com a roupa que desejar, porém por opção própria eles investem em um visual caprichado. Como nos retrata C (16 Anos): “*Se tu quiser ir pro baile*

pelada pode ir, mas é sempre bom caprichar, eu saio vestida para matar, boto uma roupa de estilo pra neguinho nenhum botar defeito.”

As roupas e gírias usadas no baile são parte integrante do estilo de vida dos jovens funkeiros. É possível perceber que o estilo adotado dos anos 80, apropriava-se de um visual bem colorido e chamativo. Os bermudões estampados e camisas de cores fortes da época cederam lugar para um visual mais discreto; calças bem largas e camisas apertadas que mostram o porte físico dos jovens é o estilo predominante atualmente nos bailes.

No vestuário percebemos mudanças, porém o tênis continua sendo complemento indispensável, o atual “tênis de molas” é o objeto de status entre o grupo. Até nos cortes de cabelo dos jovens percebemos modernização, não vemos nos bailes rapazes de cabelos longos cacheados (cabelos de molinha) e sim jovens em sua maioria com a cabeça raspada ou com cortes artísticos.

Em relação às meninas, podemos afirmar que a sensualidade continua predominando. As jovens usam saias curtas ou calças bem coladas, e geralmente com blusas que deixam o umbigo a mostra. As funkeiras da “nova geração⁴⁸” não se identificam com os tênis e preferem sandálias abertas com saltos sempre bem altos.

Algumas marcas são preferidas das meninas como a *Gang* e *Pixação* e no baile é comum vermos jovens usando roupas das citadas grifes, sendo que muitas vezes a roupa é falsa e tem etiqueta imitando a original. Como explica esta jovem: “*Como não tenho 200 reais para comprar uma calça, vou na feirinha e com 50 reais tiro minha onda.*” (D,16 anos)

⁴⁸ Utilizo o termo para me referir as jovens freqüentadoras dos bailes funk da atualidade.

Diferente de muitos bailes, no baile da Mangueira os “soldados”⁴⁹ não desfilam armados dentro da associação, a segurança armada é feita ao redor, dentro daquele espaço não há circulação de armas de fogo.

Como problematiza Zaluar (1997):

“A imagem do menino favelado com um fuzil AR15 ou uma metralhadora UZI na mão, as quais considera como símbolos de sua virilidade e fonte de grande poder local, com um boné inspirado no movimento negro da América do Norte, ouvindo música funk, cheirando cocaína produzida na Colômbia, ansiando por um tênis Nike do último tipo e um carro do ano não pode ser explicada, para simplificar a questão, pelo nível do salário mínimo ou pelo desemprego crescente no Brasil, tampouco pela violência costumeira do sertão nordestino.” (Zaluar:1997,20)

A droga é liberada e cigarros de maconha são consumidos livremente, não há nenhum tipo de represália ou objeção ao uso de drogas no local. Isso se evidencia na fala deste jovem: “*Lá é liberado, tu vê nego carregandp seu boldinho*⁵⁰, *chega lá no carão aperta e acende, tem erro não, quem não fuma fica doidão só com a marola*⁵¹”. (P, 17 anos)

A violência é um fator preocupante que não pode deixar de ser citado. Como reforça Casé (1996): “Dentro de situações extremas, que são impossíveis de verbalizar; a violência se constitui em um meio de comunicação.” (Casé,1996:20)

Nas quatro visitas que fiz aos bailes, em três delas presenciei episódios de violência com uma roupagem bastante cruel. Percebi então, que o

⁴⁹ Denominação dada aos jovens que trabalham para o tráfico de drogas.

⁵⁰ Nome dado popularmente à maconha.

⁵¹ Nome dado ao cheiro que exala da queima da maconha, da sua fumaça.

baile é tão esperado por seu caráter lúdico e de lazer, como por um momento de “prestação de contas”, quando um grande número de pessoas da comunidade, podem presenciar violência, na maioria das vezes ligadas ao tráfico local ou situações passionais.

Na primeira visita, por volta de 1:30 hrs da madrugada, quando o evento estava num momento de bastante euforia, um indivíduo de sexo masculino segurou pelos braços uma adolescente de aproximadamente quinze anos até a porta do baile e a surrou com fio de cobre, repetindo várias vezes “*que aquilo estava acontecendo para ela aprender a não mexer como homem dele*” e fazia ameaças de que da próxima vez a machucaria mais. A cena foi assistida por centenas de pessoas que estavam no local e em nenhum momento o agressor foi interrompido.

Outra situação aconteceu quando visitava pela terceira vez o baile, este foi motivado por jovens envolvidos com o tráfico. Em um momento do baile um jovem foi pego por três outros rapazes que o chutavam, dizendo que “*aquilo era pouco para otário como ele*”. Mais uma vez ninguém se intrometeu, segundo informações de pessoas que estavam no local, o jovem, vítima do episódio, havia roubado uma loja de gesso dentro da comunidade, já tinha sido chamado pelo traficante e no baile foi lembrado que não deveria fazer mais.

Assim:

“Na maioria das favelas e conjuntos populares, delitos como roubo, estupro e outros tipos de violência interpessoal costumam ser combatidos com ações igualmente violentas por parte do dono, que pode impor sua própria forma de justiça.” (Leeds,1999:243)

O que mais me chamou atenção foi o espancamento de uma jovem de dezessete anos pelo namorado na frente da mãe da menina por causa desconhecida. Após o espancamento a jovem foi levada para o Hospital e a família não pode retornar a comunidade nem para buscar os pertences, vendeu o apartamento que moravam por cinco mil reais e foram morar na favela do metrô, próximo a Uerj⁵².

Como retrata Zaluar (1997):

“Tratase de tornar complexa a análise dos contextos sociais mais amplos e mais locais para entendermos os motivos pelos quais cada vez um número maior de jovens (de todos os estratos sociais) comete crimes, o que nem sempre significa a adoção de uma carreira criminosa, e por que alguns deles passam a exercer um tipo de poder militar nas comunidades onde as instituições encarregadas de manter a lei ou estão ausentes ou tornaram-se coniventes com o negócio ilegal ou são fracas; onde as organizações vicinais se desagregaram ou foram esvaziadas pela competição política entre partidos e grupos religiosos (Zaluar, 1995); onde as figuras paternas e maternas não mais oferecem modelos nem são capazes de controlar seus filhos.” (Zaluar,1997:16)

Gostaria de chamar atenção para algumas questões, uma delas é que o baile não somente é lazer, mais é marcado por muita violência. Violência essa que é naturalizada pela comunidade, pois segundo os moradores: “*só apanha quem deve*”. Não existe nenhuma atuação externa nesse espaço e as regras de funcionamento são determinadas pelo tráfico, o poder deles é explícito.

⁵² Universidade do estado do Rio de Janeiro.

Como nos lembra Zaluar (1994):

“(...) o bandido mata para se vingar de alguma traição ou defender sua honra e seu espaço. Estes atos violentos são julgados dentro de uma concepção de lealdade pessoal, honra e respeito.” (Zaluar,1994:32)

Através de uma relação conflituosa e violenta que envolve proteção e ameaça aos moradores, o narcotráfico domina os conglomerados de exclusão, onde vivem os segmentos empobrecidos da população.

Os jovens relatam que se sentem seguros dentro da comunidade e que no morro existe uma certa “justiça”, isso fica claro no depoimento desta jovem, W 17 anos:

“Aqui no morro nós tá seguro, muito mais seguro que na pista. Aqui só cai quem dá mole, quem rouba, quem cagueta, aí também parceiro eles arrancam o pescoço, bota para cair, e esse vacilão cai bem feio que é pra geral amarelar, pô cada um pior do que o outro, acho que quem vacila é porque quer morrer porque os cara são muito bom, mas não perdoam.”

As redes alternativas de sobrevivência e segurança vivenciadas na comunidade são distintas. Nas favelas cariocas, a segurança interna inexistente, muitas delas, possuem um posto da Polícia Militar situado no espaço físico comunitário, como é o caso da Mangueira, porém uma minoria da população local confia o suficiente no serviço, para recorrer a ele. Desta forma, abrem-se brechas para atuações paralelas, o grupo de traficantes locais, aproveita-se

deste hiato para atuar livremente, e até mesmo prestar segurança para a população e para o local.

Em longo prazo, a comunidade já legitimou este sistema alternativo de segurança e muitos banalizam as situações como as que citamos. Vejamos este relato: *“Não tem jeito, eles estão pior do que bandido, PM é tudo vagabundo, depena carro, dá na cara de trabalhador, só vive atrás de dinheiro, como dá pra acreditar num bicho desse.”*(Y 16 anos)

Não é objetivo deste estudo analisar a musicalidade nem as letras produzidas no Funk, mas ressalto que raps atuais estão mais divertidos e com apelo a sensualidade, bastante deslocados de qualquer seriedade ou contestação política. Nos bailes são cantadas as versões proibidas dos raps que fazem apologia ao uso de drogas e homenageiam traficantes do local, mesmo os que já faleceram ou estão presos.

A antropóloga Zaluar (1997) já nos chama atenção há alguns anos sobre o que significa o poder do tráfico e a importância deste na vida social nas favelas e bairros populares do Rio de Janeiro; como bem destaca no trecho abaixo:

“Refiro-me particularmente ao processo que transforma as quadrilhas organizadas num poder central nas favelas, onde seus chefes já expulsam moradores incômodos, matam rivais, alteram as redes de sociabilidade e interferem nas organizações.”
(Zaluar,1997:18)

Se deixarmos de lado a questão da violência, veremos que o comportamento dos funkeiros não mudou muito. Os rapazes sempre em

grupos, conversam e em sua minoria dançam. Já as meninas, formam grupos menores de quatro meninas em média e circulam pelo baile, quando param em algum local, fazem coreografias e rebolam sensualmente.

Não é comum vermos casais chegarem ao baile, porém no decorrer da festa os pares se formam. Em determinado momento é fácil identificar os casais, muitos permanecem juntos até o fim do baile, outros logo se dispersam.

A dinâmica do baile Funk é bastante interessante, nela conseguimos identificar muitos movimentos da juventude urbana presente nas favelas do Rio de Janeiro. Temos que ter claro que são nesses espaços discriminados que encontramos a categoria de jovens, que muitas vezes são nossos objetos de trabalho e estudo, não nas salas de teatro, nem nas galerias de arte.

De maneira geral esse grupo social, destituído de uma variada gama de opções de lazer, vê no baile funk da comunidade uma via de diversão, negociação e trocas, que lhes permitem momentos de descontração e lazer.

No próximo capítulo poderemos compreender melhor como o Funk influencia a vida dos jovens, qual o significado que ele exerce. Discutiremos também outros assuntos que permeiam o cotidiano da juventude da comunidade.

CAPÍTULO 4

O Funk e a Juventude da Comunidade

Seria complicado falar de Funk deslocado do debate acerca da juventude urbana. O Funk assim como o samba em seus primórdios foi, e ainda é muito criticado e discriminado. O senso comum em geral associa o ritmo Funk aos jovens da favela, principalmente jovens negros e pobres, por isso, faço esta articulação entre juventude, pobreza e cultura funk, buscando mostrar o que o funk pode representar no cotidiano destes jovens.

O conceito de juventude resume uma categoria essencialmente sociológica, que indica o processo de preparação dos indivíduos para assumir o papel de adulto na sociedade, tanto no plano familiar como no profissional. Porém considero que mais do que um enquadramento etário, a juventude é um processo que é influenciado pela história, condições econômicas, tradição e cultura.

O referido período é de rápido desenvolvimento em todos os aspectos: físico, emocional, psicológico e social. Fora o período pré e neonatal, a adolescência é, de fato, a fase de mais rápido desenvolvimento humano.

Os adolescentes são 12,5% da população brasileira, segundo dados da PNAD⁵³ (2002). Para enfrentar os desafios que esse significativo índice populacional representa, é preciso conhecer de forma mais profunda a realidade deles.

Este grupo formado pela população jovem é bastante diversificado, deste modo, não podemos abordá-lo como uma realidade homogênea em todas as regiões e camadas sociais. Em um país marcado por grandes diversidades e desigualdades, ressalto a importância de um olhar diferenciado aos jovens das favelas e morros cariocas.

O Brasil nas últimas décadas vem confirmando uma tendência de enorme desigualdade na distribuição de renda e elevados níveis de pobreza. Um país desigual, exposto ao desafio histórico de enfrentar uma herança de injustiça social que exclui parte significativa de sua população do acesso a condições mínimas de dignidade e cidadania.

Assim como foi dito acima, a pobreza e a desigualdade social atinge uma parcela considerável de jovens brasileiros. Destaco a relevância de um debate acerca do tema juventude x pobreza, pois, no universo Funk é comum encontrarmos jovens que estão sendo vítimas de situações sociais precárias e que vivem aquém das necessidades mínimas para garantir uma participação ativa no processo de conquista da cidadania, com difícil acesso às estruturas de oportunidades disponíveis no campo da saúde, educação, trabalho, lazer e cultura.

A preocupação da sociedade brasileira em relação à infância e juventude não constitui novidade. Há mais de um século ela vem se

⁵³ Pesquisa Nacional de Amostra de domicílios.

manifestando através de discursos indignados e múltiplas práticas, porém, a questão assume relevância a partir da década de 70.

Embora se considere a necessidade de uma atenção especial aos jovens e o incentivo à cultura da paz enquanto pilares para a sobrevivência das sociedades humanas, ainda é evidente o abandono sócio-econômico e cultural de crianças e adolescentes na atual conjuntura.

Como bem já sabemos, nosso estudo teve como base geográfica e *locus* social o Morro da Mangueira, mas especificamente, a favela Parque Candelária, localizada no complexo. Desta forma, para desvelar questões pertinentes a esta população, trabalhei com um grupo de vinte e cinco jovens da citada localidade.

Esses jovens aqui descritos são produtos de dinâmicas sociais pautadas por desigualdades de oportunidades, segregações, uma inserção deficitária na educação e no mercado de trabalho e de ausência de oportunidades de lazer.

4.1 - Quem são estes jovens?

Este capítulo discutirá as “falas” de vinte e cinco jovens que participam de um programa da Secretaria Municipal de Assistência Social do Rio de Janeiro, que é realizado no Morro da Mangueira.

Além disso, utilizará também duas entrevistas realizadas com nomes “históricos” do Funk carioca: O músico Ivo Meireles e a atual vereadora da cidade Verônica Costa. Verônica Costa é empresária e vereadora no Rio de Janeiro, cumpri atualmente seu segundo mandato; trabalha com Funk há mais de vinte anos, nascida e criada no Morro do Juramento, ela aos dezesseis anos casou-se com o empresário Rômulo Costa, dono da equipe de som Furacão 2000. A partir daí, Verônica Costa o acompanhava nos bailes, agenciava Mcs e realizava trabalhos voltados para o movimento Funk, ficou conhecida pela juventude carioca, apresentou programa de TV e rádio e ganhou o apelido de mãe loira do funk, que utiliza com orgulho.

Atualmente Verônica Costa esta separada do empresário, mas não afastou-se do Funk, tem sua própria equipe de som “A Glamouroza”, promove bailes, faz eventos e continua com o programa de rádio, fazendo assim história no Funk e é hoje um dos nomes mais conceituados entre o movimento.

Já, Ivo Meireles é morador da Mangueira, ativista do movimento negro e trabalha com música desde os treze anos de idade. Sempre envolvido com ritmos populares, ele faz parte da bateria da Mangueira e da diretoria da escola de samba. Além disso, ele tem um grupo chamado “*Funk’in lata*”, que mistura o Funk com outros ritmos e é conhecido internacionalmente. Ele tem

envolvimento com os jovens do Morro da Mangueira, pois além de morar no local coordena um projeto cultural chamado “Cria do morro”, onde os jovens aprendem e desenvolvem atividades musicais, com percussão, violão e outros instrumentos.

Consegui o contato com eles em um evento ocorrido na quadra da Escola de samba Estação Primeira da Mangueira. A festa ocorreu no dia 02/12/2004, e contou com a presença destes e de outros artistas. No primeiro instante me apresentei como assistente social que realizava um trabalho na comunidade, e depois falei um pouco a respeito da minha pesquisa sobre o Funk e do meu interesse sobre esta temática. Expliquei o objetivo da entrevista, e ambos concordaram em participar.

Ao longo do capítulo, articulo a fala dos jovens com o material das entrevistas o que enriquece a discussão e permite uma visão ampla e contextualizada das questões apontadas.

Os jovens com os quais trabalhei fazem parte do programa “Agente Jovem”. Este programa é financiado pelo Governo federal e é gerido e executado pela Prefeitura do Rio de Janeiro, através da Secretaria Municipal de Assistência Social (SMAS).

O perfil deste programa abarca jovens entre quinze e dezessete anos e onze meses de idade, moradores de áreas pobres e que estejam em condição de risco social⁵⁴. O objetivo é trabalhar com eles questões relacionadas ao seu cotidiano, debatendo temas como cidadania, educação, violência, direitos. Trata-se de uma tentativa de distanciá-los da criminalidade e

⁵⁴ Definida esta condição pelos critérios socioeconômicos, renda percapita, envolvimento com situações ilícitas, assim como, outras situações adversas a que os jovens estejam submetidos.

amenizar a situação de risco em que se encontram e desta forma, incentivar seu protagonismo na sociedade.

O grupo de vinte cinco jovens se reúne duas vezes na semana, sempre a tarde no Cemasi⁵⁵ da comunidade⁵⁶ por um período de três horas. Nestes encontros são discutidos os tópicos citados acima, sempre sobre a orientação de dois monitores⁵⁷ e supervisão de dois técnicos da instituição, um assistente social e um pedagogo. Os jovens são assistidos mensalmente com uma bolsa auxílio no valor de sessenta e cinco reais. Foi com os jovens participantes do “Agente Jovem” da comunidade da Mangueira, que realizei meu trabalho de pesquisa.

Através de grupo e oficinas temáticas discuti com os jovens assuntos que considerei relevante para esse estudo, não só o Funk foi abordado, mas diversos pontos foram refletidos com o grupo. Os resultados deste trabalho e a bibliografia sobre o tema me serviram de base para construção deste capítulo.

Os “Agentes Jovens” são moradores da Mangueira, porém de microáreas diferentes. A maioria mora na favela Parque Candelária, somando doze jovens, seguidos de sete que moram na Pedra, quatro do Portão Dois e dois jovens que residem na Vila Miséria.

Os critérios de seleção utilizados para o ingresso dos jovens no projeto estão vinculados à renda e situação socioeconômica. O jovem tem que estar dentro da faixa etária e viver em uma família com renda per capita familiar de no máximo cem reais.

⁵⁵ CEMASI – Centro Municipal de Atendimento Social Integrado.

⁵⁶ Cemasi Adalberto Ismael de Souza, popularmente conhecido como Cemasi Candelária. Ver foto nos anexos 13 e 14.

⁵⁷ Jovens contratados por uma Ong para executarem o trabalho.

A composição de gênero é mista, porém como já foi assinalado as meninas são mais numerosas. Dos vinte e cinco jovens, dezessete são meninas e oito apenas são meninos.

No caso especialmente dos jovens estudados, o morro e a favela onde moram são supervalorizados, eles atestam que estas localidades representam um importante referencial.

Perguntei aos jovens o que eles achavam da comunidade, e eles apontaram pontos positivos e negativos de se morar no morro. Entre os aspectos favoráveis eles citaram a isenção das taxas (luz, água), os laços de amizade e entre os pontos negativos o mais citado foi a falta de lazer e as condições estruturais. Como visualizamos na fala de G (17 anos): *“Aqui no morro não pago água, luz, nós não somos assaltados aqui em cima, se eu for para pista é muito pior, tá vendo quanto privilegio tem morar no morro.”*

Podemos afirmar logo de início, que o lazer é citado como deficitário pelos jovens. Apesar de não estarem livres da violência, no morro eles afirmam se sentir protegidos de uma estrutura social excludente, bem como constroem alianças e identidades.

A partir das oficinas temáticas, destaquei eixos a serem trabalhados neste estudo, o primeiro deles é a questão racial. Muitos estudos vêm mostrando que os afro-descendentes são maioria nos morros e favelas cariocas, essa estatística se comprova neste grupo de jovens, pois vinte três, dos vinte cinco participantes são negros, restando apenas dois que são brancos⁵⁸.

⁵⁸ A definição de cor ou raça foi feita pela própria pesquisadora.

Os números que citei acima ressaltam a segregação real do negro. Segundo dados do IBGE, divulgados no estudo para implantação da Política Nacional de Assistência Social, publicado em dezembro de 2004, apenas uma, entre quatro famílias afro-descendentes no Brasil, residem em moradia adequada, sendo assim, é redundante falar que existe um verdadeiro conglomerado de negros nas favelas cariocas. Ainda assim, estes dados não são encarados como resultado de desigualdades entre negros e brancos, mas como um processo histórico e secular da pobreza urbana.

Encobrimo ainda mais a questão racial, o racismo muitas vezes se confunde com a pobreza e a questão racial se embaralha com a questão social. Em nosso país, ainda existem aqueles que insistem em afirmar que não há qualquer tipo de desigualdade racial, a não ser aquela, que por inércia da história, decorreria do passado escravista: Assim negros e mestiços descendentes de escravos estariam em pior situação na pirâmide social pelo simples fato de que, no passado já ocupavam posições mais baixas, mas o que vemos hoje é que a situação de desvantagem não só persiste como aumenta.

O racismo é um fator de risco seja no acesso à educação de qualidade, ao trabalho e remuneração e mesmo no atendimento no sistema de saúde. O último relatório da Organização Internacional do Trabalho (OIT), "A Hora da Igualdade no Trabalho", divulgado no dia 12 de maio de 2004, mostra que apesar de avanços em alguns indicadores sociais, no Brasil a situação de desemprego persiste na população negra: a renda mensal de um trabalhador negro chega a ser 50% inferior a do branco.

Tendo em vista, todo esse quadro opressor em que se situam os negros no nosso país, podemos imaginar as conseqüências maléficas que atingem a parcela jovem desta população.

Quando falamos sobre esse tema com os jovens foi possível notar uma grande inibição. No decorrer da atividade pedi que eles respondessem sem se identificar, qual era sua cor? O resultado foi surpreendente, dos vinte e cinco jovens apenas doze se identificaram como negros ou pretos, o restante utilizou denominações distintas, como: moreno, “mulato claro”, “chocolate” e até mesmo “marrom bombom”.

Vejamos, se os critérios censitários permitem escolhermos somente entre cinco opções: Branco, preto, pardo, amarelo e indígena, como é possível essa multiplicidade de identificações?

Percebemos com os resultados desta pequena enquête a resistência dos jovens em se identificarem como negros ou pretos. Eles tentam fugir desta realidade e preferem utilizar outras denominações, que talvez amenize em sua subjetividade os impactos trazidos pelo preconceito racial.

Apesar de não se identificarem pretos ou negros, eles concordam que desfrutam desigualmente de oportunidades e são vítimas de diversos preconceitos. Vejamos a fala deste jovem, S 17 anos:

“os outros acham que nós só servimos pra sambar e fazer faxina quando o branco vê um pretinho no poder fica revoltado. Se entrar numa loja maneira, uma TACO da vida, uma Gang, três preto e três brancos quem vai ser atendido primeiro? Os branco é claro, porque pros outros, nós da cor não tem dinheiro e não pode entrar numa loja pra comprar, só pra roubar, por isso nós fica revoltado mesmo.”

O principal mecanismo que respalda estas práticas é o não reconhecimento social desta situação. Vemos que naturalmente se desassocia negros e mestiços de determinados espaços sociais, como por exemplo, universidades, cargos de chefia, posições de poder no campo intelectual e cultural e os associam a outras áreas, como esportes, cultura popular, criminalidade etc.

Opiniões como a que vimos acima foram expressadas por outros jovens e estes reconhecem ter suas oportunidades reduzidas. Segundo eles, ser negro e morador de favela é um dificultador para alcançar melhores condições de vida.

Outro ponto abordado com os jovens, diz respeito à escolarização. Do total de jovens, dez estão fora da escola e quinze estão estudando. O nível de escolaridade é muito baixo, a maioria está abaixo da série que seria adequada a sua idade. Nenhum dos entrevistados completou o ensino médio. A maior parte cursa entre a quinta e oitava série do ensino fundamental. Entre os que pararam de estudar a escolaridade é ainda mais baixa, variando entre a quarta e sexta série.

Tabela 1 – Escolaridade dos Jovens Pesquisados

SITUAÇÃO ESCOLAR	QUANTIDADE	PERCENTUAL
NÃO ESTUDAM	10	40%
CURSAM ENTRE 4º E 6º SÉRIE	5	20%
CURSAM ENTRE 6º E 8º SÉRIE	6	24%
CURSAM O ENSINO MÉDIO	4	16%
ENSINO MÉDIO COMPLETO	0	0%

Um ponto curioso refere-se ao fato que dos dez jovens que não estudam, todas são meninas. Assim no grupo a escolaridade dos meninos está acima da média das meninas. O fato das meninas estarem fora da escola pode ser explicado por várias questões, entre elas a maternidade precoce. No grupo existem cinco jovens que já são mães, nenhuma delas está estudando e deixaram a escola quando ainda estavam grávidas, tendo um nível de escolaridade baixo e poucas perspectivas de ascensão social.

Mesmo os jovens pobres que estão inseridos no sistema de ensino tem modestas pretensões em relação ao futuro. Isso se agrava mais, tendo em vista, a configuração que o desenvolvimento econômico vem assumindo, gerando uma capacidade cada vez menor de absorver produtivamente os contingentes humanos.

Não podemos deixar de citar que o desenvolvimento tecnológico também pode ser considerado um “vilão”, pois exige cada vez mais preparo e competências para o jovem ingressar no mercado de trabalho.

Por falar em busca de alternativas, discutiremos a respeito da criminalidade juvenil e o envolvimento com as redes de tráfico de drogas. Este é um assunto preocupante quando falamos de jovens de áreas pobres cariocas.

Apesar do fato de que os jovens com os quais trabalhei não terem envolvimento direto com o problema, esta é uma preocupação recorrente entre eles. Ao falar de criminalidade, automaticamente nos remetemos à questão da violência e estes são problemas recursivos nos morros e favelas do Rio de Janeiro.

Embora a violência urbana não seja um fenômeno recente, diversos estudos chamam atenção para as proporções que vêm assumindo a sua manifestação entre os diversos setores da juventude. A criminalidade entre jovens tem aumentado muito, preocupando a sociedade civil, as instituições sociais e o meio acadêmico.

Os dados estatísticos brasileiros são alarmantes, um recente estudo realizado pela UNESCO em 2003, sobre mortalidade juvenil, constatou que o Brasil ocupa a terceira colocação na categoria de homicídios e outras violências praticadas por jovens, ficando atrás somente da Venezuela e Colômbia.

A situação da criança e do adolescente no Brasil contemporâneo resulta de um processo estrutural de longa duração. Neste sentido, podemos considerar a questão da criminalidade juvenil como um dos maiores problemas sociais do nosso país.

Como ressalta Assis (1999):

“Em termo de políticas públicas de segurança e justiça, esses jovens têm-se constituído como um grupo particularmente visado por ações de repressão. Estão cada vez mais presentes nas estatísticas policiais, seja como autores ou vítimas de delitos violentos contra a vida, tráfico de entorpecentes etc. Além disso, vem sendo objeto das medidas sócio-educativas definidas no estatuto da criança e do adolescente que, muitas vezes, deixam marcas permanentes em suas vidas, pelo tipo de rede relações que sua entrada na esfera judicial traz, interferindo diretamente em seu cotidiano”. (

Assis,1999: 49)

É comum associar o jovem favelado a marginais. É interessante registrar que a marca da criminalidade no Brasil, esteve desde início associado aos pobres e assim se mantém até hoje. A imagem construída pela sociedade do delinqüente jovem, é o rapaz negro ou mulato, que perambula em grupo pela cidade e que, de acordo com as modas, recebe atributos diferentes: É o que usa boné, ou tênis espalhafatosos, ou cordões grossos no pescoço, ou cabelo de determinado modo, em uma figura atualizada do vadio do início do século.

Ao debater a questão com o grupo de jovens, eles por sua vivência, apontaram vários fatores que podem vir a contribuir para que o adolescente e até mesmo a criança moradora de comunidade envolva-se com o mundo do crime. No discurso deles três aspectos se destacaram como os que mais instigam este envolvimento, são eles: a falta de oportunidades, a lógica do consumo e a tentativa de ascensão social.

Como disserta Brito (2000):

“Mas o desemprego e o subemprego que mais afetam os jovens dessa classe social não seriam o suficiente para explicar a adesão aos valores da subcultura carioca. A saída criminosa é a entrada possível para a sociedade do consumo já instalada no país. Nela, o jovem é estimulado a consumir e a construir sua pessoa pelo que veste, pelo que tem, o que torna a pobreza ainda mais humilhante.” (Brito,2000:113)

Ainda que os jovens que participaram desta pesquisa, não estejam diretamente envolvidos com a criminalidade, eles vivenciam bem de perto este cotidiano, seja com o envolvimento de um irmão ou familiar, seja com um

amigo ou namorado. Mesmo quando o jovem não se envolve com o crime, nos morros e favelas, ele é constantemente tentado e ameaçado por esta lógica.

Ao final da discussão sobre violência, como parte integrante do trabalho, realizei com os jovens uma dinâmica de grupo e o resultado desta atividade foi a criação de poesias com o tema violência⁵⁹.

Adolescentes não nascem infratores apenas pelo fato de viverem em comunidades empobrecidas e cercadas pelo tráfico. Entretanto, as possibilidades de um adolescente pobre romper com os valores e representações apresentadas pela criminalidade é bem menor do que de um outro jovem que tenha acesso a escolaridade e demais condições de vida.

Vejam melhor esta questão, sabemos que as oportunidades disputadas pelos jovens pobres estão bem aquém de suas necessidades. As razões para isto acontecer são variadas: falta de escolaridade, falta de habilidades exigidas pelo mercado, ou por simples preconceito. Assim as portas que se abrem para estes jovens são subalternas. Não é incomum encontrar jovens que começaram a vida como trabalhadores do mercado formal e hoje estão cumprindo pena por envolvimento no tráfico.

A exclusão social imposta pelo processo de acumulação capitalista (que produz uma população excedente para as necessidades do capital) é o pano de fundo de todo esse processo. Suas conseqüências agravam o quadro da criminalidade juvenil no Brasil, pois posta fora, definitiva ou esporadicamente do mercado de trabalho formal, essa população pauperizada sobrevive de subempregos, mendicância ou qualquer oportunidade de garantir a sobrevivência, incluindo as atividades consideradas criminosas.

⁵⁹ Ver anexos 3,4,5,6 e 7.

É muito nítido para os jovens a oposição entre criminalidade e trabalho, para eles o oposto de marginal é trabalhador e é assim que eles se definem. *“Vou conseguir crescer na vida trabalhando, pra que roubar se eu posso trabalhar.”* (L 17 anos).

Como aponta Cassab (2001):

“Dessa forma, pode-se também afirmar que o trabalho confere a esses jovens uma visibilidade social que os credencia como confiáveis e capazes de seres respeitados. O trabalho é ainda uma ocupação dos tempos livres, desejáveis como prevenção ou impedimento das “más amizades”, que, em seu ponto de vista, desviam-nos para a criminalidade.” (Cassab,2001: 59)

Em unanimidade os jovens exprimem uma vontade grande de começar a trabalhar. Nenhum deles exerce algum tipo de trabalho, nem formal, nem informal, porém, eles questionam que não querem trabalhar muito para receber uma remuneração injusta.

Assim:

“O consumismo é uma ideologia de busca do prazer que acabam por valorizar e criar de fato uma ausência de limites aos desejos individuais marcam também a sua presença num quadro de incoerências de cultura predominante que estimula o jovem a tudo isso através da publicidade constante na mídia, especialmente e televisionada.” (Brito,2000:115)

Nessa expectativa de se inserir no mercado de trabalho o jovem se torna vulnerável as insuficientes oportunidades e muitas vezes é levado a praticar atos ilícitos.

Mais uma vez, ressalto que a questão da criminalidade juvenil é indissociável da questão da pobreza. Porém, não é apenas a garantia de condições dignas de sobrevivência que define os percursos de um jovem.

A categoria trabalho ainda é central e determinante na vida dos jovens e é percebido como via de acesso social e possibilidade de aquisição e consumo; mesmo que esse trabalho não seja formal e convencional.

A reestruturação produtiva tem atingido esses jovens de forma bastante significativa, promovendo rearranjos em todos os níveis de sua vida. Para esses jovens a escola como via de inclusão, não é uma alternativa muito viável. A escola pode ser percebida como um local que apresenta poucos atrativos possibilita aos jovens encontrar amigos com os quais acabam se envolvendo no uso de drogas ou no cometimento de outras infrações.

A inserção no mercado de trabalho tem sido uma das grandes dificuldades enfrentadas pela juventude. Mesmo quando há possibilidade de vínculo formal, o trabalho, pelos baixos salários recebidos, não é visto como meio de satisfação de desejos.

Alguns jovens citaram as alternativas dos cursos profissionalizantes, mas criticaram a funcionalidade dos mesmos. O Camp Mangueira⁶⁰ foi apontado como um desses cursos. Dos vinte cinco jovens entrevistados, nove já passaram pelo Camp Mangueira, fizeram o curso na perspectiva de conseguir um emprego, mas nenhum deles teve essa expectativa suprida.

⁶⁰ Curso profissionalizante onde o jovem frequenta seis meses com a possibilidade de ser encaminhado para o mercado de trabalho.

Como aponta a literatura de Cassab (2001):

“Essas iniciativas tendem a reproduzir um tipo de formação que, na realidade, prepara para a subalternidade, pois como está distanciada de uma educação da totalidade do sujeito, não consegue instituir práticas que auxiliem o jovem a ampliar seus acessos e, assim, forma-se com outra qualidade. Por isso, normalmente o “treinamento” oferecido não passa muito do estágio de boy, constituindo-se muito mais como uma solução imediata para sua sobrevivência do que um investimento para o futuro, bem como uma forma de disciplinamento.” (Cassab,2001:136)

Segundo relatos, eles também têm desejos de consumo como quaisquer outros jovens, gostam de vestir-se bem e andar na moda, para isso, restam-lhe duas alternativas: se envolver no crime, ou trabalhar, pois segundo eles, a família não dá mais conta de seus anseios e desejos consumistas.

Na narrativa dos jovens a família deixa a desejar no seu papel de mantenedora, e muitos deles revelam a ânsia de trabalhar para ter meios de aquisição de itens que não são garantidos por seus pais . Como relata esta jovem de 16 anos:

“Essa vidinha de tudo que quer mamãe dá, não é pra gente, por isso tenho logo que arrumar um trabalho, é muito ruim não ter dinheiro, às vezes minha mãe não tem nem pra comida, que dirá pra me dar, mas mesmo assim eu fico com raiva, às vezes eu quero comprar uma roupa, um troço ou até mesmo um biscoito e não tenho “din, din”⁶¹ .

⁶¹ Palavra usada pelos jovens para referir-se à dinheiro.

É tênue a linha que separa o jovem da criminalidade, pois diante de todas as dificuldades enfrentadas por esta parcela, o tráfico e o crime muitas vezes são a alternativa mais rápida e fácil para romper com as limitações materiais.

Desta forma:

“É latente a insatisfação dos jovens com sua condição socioeconômica e isso acaba por ser um fator de risco para o jovem envolver-se com o tráfico local. Ao contrario do esforço extremamente desgastante do trabalhador, sempre em precisão, o comércio de narcotráfico oferece a possibilidade de ganhar dinheiro fácil, tanto mais quanto maior for a posição na hierarquia do trafico.” (Shchneider,1982:18)

Assim como os jovens são atraídos pelas facilidades do tráfico, eles também representam para o narcotráfico vários atrativos, um dos mais importantes é a imputabilidade penal, aliado à impossibilidade de impor condições na relação de troca.

À medida que o jovem se envolve com o narcotráfico ele passa a perceber a exploração sofrida de forma positiva, para ele a relação acontece como uma “ajuda” recebida, ou como risco compartilhado.

Como ressalta Assis (1999):

“A violência constante a que são submetidos, física, emocional e psíquica, vai adquirindo, aos poucos, um sentido de normalidade. Ela se torna necessária para se seguir vivendo e, num certo nível, os sentimentos e valores se acomodam á noção da morte próxima ou da morte do próximo como algo já dado, inevitável. Os atos

já não se medem pela escala do certo ou do errado, mas do necessário e do possível.” (Assis,1999: 113)

É fundamental compreender que o fenômeno da violência e do tráfico, são atravessados por uma complexa trama ideológica, e muitas vezes a entrada do jovem nesse universo ocorre por escolha própria. Deve ser considerado que a proposta construída pelo tráfico é extremamente sedutora para um adolescente sem muitas condições de ascender socialmente.

Assim:

“A dinâmica própria do mundo do crime e as atrações que exerce, em termo de cálculo racional, da ambição de “ganhar muito” ou “ganhar fácil”, dos valores de um ethos da masculinidade que seriam alcançados por meio da atividade criminosa, compõe o quadro das alternativas de atrações, disposições e ganhos colocados para os jovens pobres.” (Assis,1999: 45)

A questão *do status* perante a comunidade e o grupo social também é um forte propulsor para a entrada no tráfico. A sensação de poder que a participação no tráfico oferece a esses jovens fica muito evidente. A mistura de respeito e medo que passam a impor e a negação do valor da vida do outro, e por sua vez da própria vida, dão a dimensão da gravidade de sua situação existencial.

A figura do bandido pode representar uma imagem “positiva” na concepção dos jovens. Sua figura é relacionada à valentia, coragem, conquista de mulheres, ascensão social, etc.

Como lembra Abramovay (1999):

“ Existe “o bandido bom e o traficante bom” que ampara a sua comunidade, ajudando desempregados e famílias a comprarem comida e suprindo as necessidades dos jovens, seja na compra de roupa, tênis, ingressos para bailes ou drogas. “(Abramovay, 1999:85)

Ao falarmos sobre a influência do tráfico na vida dos adolescentes não podemos deixar de citar a questão da droga e do álcool. As cidades vivem hoje assoladas pela problemática das drogas, na favela isto não é diferente, muitos jovens conhecem cedo essa realidade.

Seja na busca de diversão, na fuga de um problema, ou simplesmente por curiosidade, cada vez um número maior de adolescentes se envolvem com as drogas. A seqüência parece ser a mesma, começam com a maconha, usam drogas sintéticas como cheiro da loló⁶², e por fim estão totalmente viciados e dependentes de substancias cada vez mais fortes.

Claro que os fatos não ocorrem com essa linearidade, alguns jovens realmente fazem uso das drogas esporadicamente, mas quando isso foge ao controle sabemos que as conseqüências são graves.

Para iniciar um eixo de discussão sobre este tema, pedi que os jovens enumerassem por ordem de periculosidade, todas as drogas que eles conhecem. Em uma coluna eles listaram as drogas licitas e em outra as ilícitas.

As drogas mais citadas entre os jovens foram: o cigarro, o álcool e a maconha. A distinção entre drogas licitas e ilícitas parece estar claro para eles. Na coluna das drogas licitas, o cigarro e as bebidas alcoólicas foram as únicas citadas, a ordem de periculosidade é que variou. Nove jovens citaram o álcool

⁶² Inalante, com efeito estimulante.

como a droga lícita mais perigosa, enquanto dezesseis jovens citaram o cigarro como o mais ofensivo.

Entre as drogas ilícitas a variedade foi maior. As mais citadas foram: a maconha, cocaína, crack, cheiro da loló e ecstasy. Entre as mais perigosas, o crack e a cocaína ficaram praticamente empatadas, sendo que o crack foi citado por catorze jovens e a cocaína por onze jovens. É interessante citar que na ordem de periculosidade a maconha foi unanimemente apontada como a droga ilícita menos ofensiva.

Após o resultado dessa pesquisa perguntei se algum jovem desejava relatar experiências com uso de drogas. Por um instante o grupo permaneceu em silêncio, até que um dos jovens disse aos risos: *“aqui não tem nenhum viciado não, só cachaceiro.”* L 16 anos

É explícito que existe uma certa inibição ao falar das drogas ilícitas e nenhum deles relatou ter experimentado qualquer uma dessas drogas, já o álcool e o cigarro circulam nos assuntos dos jovens sem maiores constrangimentos.

Os vinte e cinco jovens, sem exceção, afirmaram já terem feito uso de bebidas alcoólicas. A cerveja e o vinho foram os mais citados. Eles relatam que bebem nas festas e nos bailes, mas isso não traz conseqüências ruins no dia a dia deles, pelo contrário, a bebida é citada como desinibidor. *“Não é sempre que eu bebo, mas tem lugares que é bom beber um pouco para descontrair, sem fazer vergonha, o segredo é esse, beber com moderação.”* (R 17 anos)

Os assuntos que até aqui foram abordados fazem parte do cotidiano desses jovens, são aspectos que nos ajudam a compreender a realidade peculiar que eles vivem.

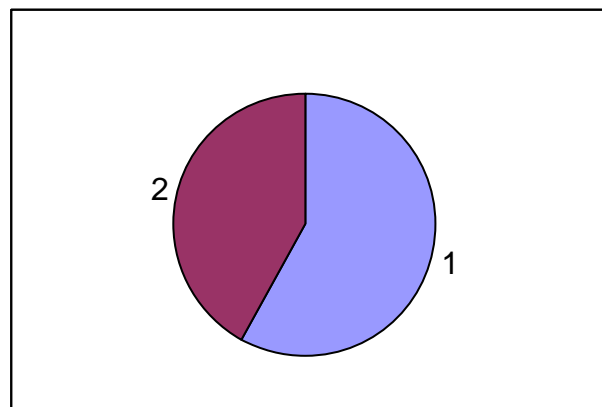
A seguir trataremos de questões pertinentes ao movimento Funk, traremos os resultados da pesquisa e dos trabalhos realizados com o grupo de jovens.

4.2 – O Funk na ótica dos jovens da Mangueira

O Funk enquanto ritmo e manifestação cultural é o tema trabalhado nesse estudo. Determinamos um universo de pesquisa específico, que é composto por jovens moradores do morro da Mangueira. Desta forma, os assuntos relacionados ao Funk foram debatidos e as opiniões dos jovens sistematizadas neste momento do nosso trabalho.

Introduzi a temática com o grupo perguntando aos jovens quem se considerava Funkeiro? Doze, dos vinte e cinco jovens se identificaram enquanto funkeiros, os outros treze não se auto-denominaram como tal, o que não quer dizer que não apreciem o ritmo. Dos doze jovens que se identificaram como funkeiros, quatro são meninos enquanto oito são meninas.

Gráfico 1: Funkeiros e não Funkeiros



Legenda :1 – representa os jovens não funkeiros
2 – representa os jovens funkeiros

Pedi que os “jovens funkeiros” falassem porque se identificavam daquela forma. As respostas foram bem similares e atribuíam a preferência às batidas envolventes das músicas e as coreografias.

Falar de Funk com os jovens de morros e favelas cariocas não é difícil, pois esta é uma realidade que eles bem conhecem. O Funk é um ritmo popular na maioria das vezes feito por jovens moradores de favelas para jovens do mesmo perfil. Podemos ver claramente isso na entrevista com o músico Ivo Meireles:

“O funk está instalado na favela, como o samba e o pagode. O funk na verdade retrata o cotidiano das favelas do Rio, o que é cantado, é o que realmente acontece, então os jovens se identificam, e curtem. O funk por ser popular acaba sendo trilha sonora da realidade da favela. O funk é isso, canta o que o povão tá acostumado a ver.”

Perguntei quantos dos jovens freqüentavam bailes Funk. Quase todos, com exceção de um rapaz se manifestaram. Se compararmos as respostas das duas perguntas, (Quem se considera funkeiro e quem freqüenta os bailes?) perceberemos que mesmo os jovens que não se consideram funkeiros, freqüentam ou já freqüentaram bailes funk.

O Funk e conseguinte o baile é visto pelos jovens como uma diversão, sem que para isso ele tenha que direcionar todas as suas ações desta maneira. Em outras palavras, o jovem pode ouvir e gostar de outros ritmos, e ainda assim freqüentar o baile Funk como um momento de lazer.

Neste momento da discussão pedi que os jovens desenhassem como era o baile na visão deles, e os desenhos foram bem parecidos. O que mais se destacou foi a música, em quase todos os desenhos os jovens explicitavam as caixas de som, o que demonstra que a música tem uma

centralidade no baile, ou seja, ela é um elemento imprescindível para a realização de um baile Funk⁶³.

Poderíamos citar diversos fatores que são atrativos no Funk. Um destes fatores citado pelos jovens é a identificação do ritmo com a realidade vivida, ou seja, eles se identificam com a realidade retratada nas músicas. *“Aqui no morro nós vemos injustiça, pobreza, violência, e o funk, fala disso, por isso é que é bom. Não fica aquela coisa falsa, a gente sabe que o funk é feito para nós.”* (W 17 anos)

No Funk isto é inquestionável, as músicas de fato em sua maioria são compostas e cantadas por jovens das classes populares. Assim como outros ritmos populares, o Funk abre portas para que os jovens pobres sejam protagonistas do movimento e isto acaba atraindo ainda mais os moradores dos morros e favelas, pois muitas vezes eles assistem amigos de infância, colegas da mesma comunidade alcançarem o sucesso no meio Funk através de suas melôs. Por vezes, sem perspectivas os jovens vêem no Funk uma possibilidade, mesmo que momentânea, de ascensão social.

É interessante notarmos que as opiniões dos jovens neste sentido, são similares e até complementam a visão que Ivo Meireles, que além de morador da mesma favela, trabalha e sobrevive da música, tem sobre o assunto. O artista endossa o que foi afirmado pelos jovens, e cita o Funk como oportunidade de trabalho e ascensão social, como vemos neste trecho da entrevista:

⁶³ Ver os desenhos nos anexos 8,9,10,11 e 12.

“O funk abre espaço na indústria do entretenimento, abre espaço para jovens que não tem oportunidades, mas que tem sonhos de ascender socialmente. O funk é um mal para sociedade, mas é um sucesso., O jovem quer comer melhor, quer se vestir melhor e o funk de repente pode proporcionar isso, eu vou achar isso ruim, eu sou de comunidade, já passei muita necessidade e sei o que é querer coisas que são impossíveis para os jovens pobres, então eu não posso desprezar um movimento que é cultura sim, mas quem protagoniza é a classe pobre e isso incomoda.”

Podemos dizer ainda que o Funk visto como oportunidade de ascensão para os jovens pobres atinge um consenso, não só entre os funkeiros, mas como entre os que trabalham com o Funk. Não só Ivo Meireles, mas a atual Vereadora Verônica Costa, têm a mesma opinião sobre a questão:

“Através do Funk construí minha autonomia enquanto mãe e mulher, e é isso que eu falo pras minhas jovens, temos que correr atrás, o funk pode ser um caminho, não vê a Tati⁶⁴, hoje tem sua casa própria e mantém o sustento da filhinha cantando. O perverso é que as pessoas enxergam os funkeiros como rebeldes, irresponsáveis, mas nós somos uma família, somos batalhadores e estamos correndo atrás do melhor para nós. O funk é isso é oportunidade, cabe ao jovem canalizar isso para um lado do bem, atraindo coisas positivas para sua vida”

O Funk tem se afirmado principalmente enquanto mecanismo de lazer entre estes jovens pobres, que vêem na música uma alternativa para ultrapassar seus limites.

⁶⁴ Tati quebra-barraco, uma das Mcs mais famosas da atualidade.

Outro ponto levantado diz respeito à acessibilidade. Foi recorrente na fala dos jovens o preço da entrada, ou a gratuidade nos eventos como um atrativo no Funk. Se fizermos uma breve análise nas opções de lazer que ocorrem na zona sul e até mesmo nos subúrbios de classe média, veremos que o custo financeiro é bem alto, em alguns shows e festas chega a ser cobrados ingressos com valores irrealistas para jovens de classes populares.

Diferente dos adolescentes da classe média e alta que tem acesso a opções de lazer e entretenimento, tais como cinemas, teatros, clubes, práticas esportivas, entre outras, aos jovens das favelas restam poucas opções. A falta de lazer chega a ser considerado também importante fator no envolvimento dos jovens com o narcotráfico.

Estes não têm opções de lazer que privilegiem a cultura, a arte o desenvolvimento intelectual, seja pelas precárias condições de infra-estrutura, seja pela falta de dinheiro. Vejamos o que Verônica Costa, nos diz a este respeito:

“O funk é oportunidade e diversão para jovens do Rio de Janeiro. Tem jovem que nunca foi a um teatro a cultura que ele conhece é o funk, acho que os jovens tem que procurar novas formas de se relacionar.”

O Funk chega a ser mais do que uma opção, para ser muitas vezes a única alternativa de diversão e entretenimento dos jovens das camadas populares. Isso reforça o fato de que não é preciso ser um “funkeiro puro” para freqüentar o baile funk, mas muitas vezes ir a um baile é uma opção de lazer e interação social.

A referência de cultura e lazer dos jovens pobres é peculiar. Se estimarmos quantos jovens tem acesso a teatros, shows e cinema veremos que são uma minoria. O espaço social que os jovens dos morros e favelas circulam é restrito, seja pela falta de recursos financeiros, seja pela territorialidade imposta pelo narcotráfico, ou por simples desconhecimento de outros espaços, mas o que temos na realidade são jovens que desfrutam de poucas alternativas de lazer.

O lazer é um produto comercializado, assim como a cultura, um show ou uma peça de teatro requer uma disponibilidade financeira que a maioria dos jovens pobres não possui. Desta forma estes espaços passam a ser ocupados de forma excludente, uma vez que são locais públicos, onde é permitida a entrada de qualquer pessoa, mas é cobrado um ingresso/convite que nem todos podem pagar.

O músico Ivo Meireles problematiza esta questão e cita o samba como um exemplo de cultura excludente, porque apesar de ser oriundo dos morros e favelas, ao ter alcançado sucesso, passa a excluir, muitas vezes, a população deste local. Ele reforça que acessibilidade dos bailes Funk é um forte propulsor do ritmo entre as classes populares.

Vejamos o trecho em que Ivo Meireles faz estas colocações:

“Nós que temos poucas perspectivas de futuro, também temos vontade e necessidade de nos divertir, e no funk o jovem com dois e três reais tem condições de ir a um baile, fazer seu contato social. Eu costumo falar que o funk veio na brecha do samba, que se diz um ritmo popular, mas pra entrar num samba hoje tu não pode estar com menos de vinte reais no bolso; pensa comigo, estamos falando de jovens de comunidades, então lógico que eles não dispõem

desta grana. Esse é o barato do Funk, aí que ele ganhou espaço, nos bailes e clubes próximos as favelas se faz um tipo de festa com um preço acessível, a maioria das vezes mulher não paga nada e homens no máximo cinco reais, enquanto o samba nunca diferenciou ninguém na porta, é preto, branco, pobre, rico, na bilheteria todo mundo tem que comparecer. A entrada do funk nos morros e favelas foi pelas quadras das escolas de samba, hoje é nas brechas dela que o funk se fortalece.”

Uma vez que os jovens de comunidade não tem possibilidades de usufruírem de variados espaços culturais e de lazer eles buscam dentro das possibilidades disponíveis, locais que lhes proporcionem diversão.

Entre os jovens que se denominaram funkeiros, notamos que o Funk representa mais do que alternativa de lazer, sendo algo com que eles realmente se identificam. Ao se identificarem como funkeiros eles chegam a se opor a outras identificações, se reconhecem como funkeiros e não se reconhecem, por exemplo, como adeptos de outros ritmos.

“Sou funkeira porque gosto de funk(risos) se eu não for funkeira, vou ser roqueira, tá doido, ficar andando de preto igual a uns malucos, sou mais ser funkeiro, andar sexy, curtir um baile, acho bem melhor.”(T 16 anos)

A fala desta jovem retrata com clareza que ao se identificarem como funkeiros eles se opõem a outras identificações. Se identificar enquanto funkeiro, trata-se não só de uma opção, como de um processo de construção, pois envolve todo um contexto externo. Neste exemplo citado acima a jovem se identifica funkeira e não roqueira.

Como pontua Hall (1999):

“A forma afirmativa como expressamos a identidade tende a esconder essa relação. Quando digo ‘sou brasileiro’ parece que estou fazendo referência a uma identidade que se esgota em si mesmo. ‘Sou brasileiro’, ponto. Entretanto, só é preciso fazer essa afirmação porque existem outros seres que não brasileiros. Em um mundo imaginário totalmente homogêneo, no qual todas as pessoas partilhassem a mesma identidade não faria sentido. De certa forma, é exatamente isso que ocorre com nossa identidade de ‘humanos’. É apenas em circunstâncias muito raras e especiais que precisamos afirmar que somos ‘humano’.”(Hall,1999:75)

Quando os jovens dizem gostar de Funk na verdade eles se identificam com todo universo do movimento, seria pouco provável gostar de funk sem gostar das músicas, apreciar as coreografias, utilizar o vocabulário, etc.

Sendo assim o jovem afirma a identidade de funkeiro e nega, rejeita e exclui outras identidades. Isto significa dizer que este jovem se identifica com um farto sistema de representações e interesses sociais.

No decorrer da discussão os jovens chamaram a atenção para o estereótipo acerca do Funk. Na concepção deles, é fácil reconhecer o funkeiro, seja na maneira de vestir-se, seja nas gírias utilizadas.

O Funk isolado de suas características norteadoras não tem nenhum significado, ou seja, o Funk sem as letras dos raps, ou sem as batidas, sem as coreografias, não teria legitimidade. O que quero dizer, é que o Funk incorpora no

seu interior um sistema de representações, símbolos e formas de expressão que o tornam visível.

O Funk tanto possui aspectos sociais, como também materiais, pois se representa e ganha visibilidade por meio de símbolos. Por exemplo, há uma associação entre a identidade de uma pessoa e as coisas que essa pessoa usa, o mesmo ocorre com o Funk, ao ouvirmos uma batida ou vermos um jovem com um determinado estilo de roupa, logo fazemos a relação destes símbolos com o Funk.

Isto ocorre também com outros ritmos e manifestações culturais, temos exemplos desta associação até nas religiões. Quem nunca ouviu alguém comparar uma maneira de vestir-se a uma religião, quando, por exemplo, uma mulher está vestida de forma muito composta, falam que ela está vestida como uma crente ou uma beata. Isto são esteriótipos e são usados pela sociedade como uma forma de identificação, porém muitas vezes com um tom discriminatório.

Assim quando os jovens citam este estereotipo do funkeiro, na verdade eles mostram claramente que reconhecem o conjunto de símbolos e representações sociais que envolvem o Funk.

A empresária Verônica Costa, também reconhece este conjunto de elementos simbólicos que Funk representa. No trecho que segue, podemos perceber que ela identifica o funkeiro pelos elementos que este utiliza, no exemplo que citaremos, Verônica Costa aborda a vestimenta como uma característica marcante do funkeiro.

“Se eu vejo um lindinho na rua, eu falo esse faz parte da família, esse é funkeiro. O jovem que

se identifica com o funk ele quer expressar isso e expressa com orgulho. As jovens, são Glamourosas, porporinadas, tigrezas (risos), não tô brincando, mas não é lindo, elas se produzem, se arrumam para ir aos bailes, cuidam do corpo, do cabelo, vestem as roupas mais bonitas, eu acho isso muito legal, e a auto-estima dessas meninas melhora, elas se sentem amadas, se sentem bonitas e com isso estão se cuidando, se amando e plantando o bem para sua vida.”

Em outro momento da discussão pedi que os jovens expressassem o que o movimento Funk representa. As respostas foram positivas, o Funk circula no imaginário deles como algo benéfico, como lazer, descontração e espaço privilegiado da juventude. As respostas eram curtas e diretas, em geral os jovens procuravam sinônimos para definir o Funk.

Foi comum também os entrevistados relacionarem o Funk com a juventude, identificando o fenômeno como sendo direcionado aos jovens. Por exemplo:

“Um ritmo de música que agrada praticamente aos jovens.” L 16

anos

“O funk é uma forma de diversão para muitos jovens.” T 15 anos

“O funk é o lazer dos jovens uma dança imoral” M 16 anos

Pedi que eles relacionassem o Funk à classe social e as opiniões foram praticamente unânimes. A maior parte dos jovens fez a relação do Funk com a pobreza, porém fizeram questão de deixar claro que o ritmo não é exclusivo dos jovens pobres, e segundo eles jovens de outras classes sociais

também podem ser adeptos do funk. *“Claro que a maioria dos jovens funkeiros são pobres, mas também tem muito playboy que gosta de funk.”* L 16 anos

Os jovens se inibiram um pouco ao fazer essa relação com a pobreza, sentiram-se constrangidos, como vemos na fala desta jovem: *“Só pode gostar de funk quem é duro, isso é discriminação, acho que não tem é por aí qualquer um pode gostar de funk.”* M 16 anos

O Funk, assim como, outros ritmos populares tem uma relação próxima com as classes mais pobres pois fazem parte de uma “cultura perpendicular”, quero dizer com isso é que o Funk faz parte de uma cultura popular que não é central, mas que já é considerada um forte símbolo cultural das minorias.

Foi comum aparecer nas respostas os jovens atribuindo o fato de serem funkeiros a uma ação específica. Ser funkeiro é freqüentar baile, ouvir música, etc. Esses jovens parecem pré-estabelecer regras, colocando o fato de ser funkeiro relacionado a uma tarefa, ou seja, é funkeiro quem vai ao baile, é funkeiro quem ouve as músicas. Desta forma, ser funkeiro para eles não está relacionado com qualidades pessoais, mas sim com atos que o tornam funkeiros.

Os jovens têm claro que ser funkeiro não é algo solto, fora de contexto, mas que está relacionado a atitudes, opções, gostos e escolhas. O funkeiro não é funkeiro por si próprio, ele precisa agir e se comportar como um funkeiro. Essa é uma relação construída socialmente.

Em vários momentos os jovens afirmaram que ao serem titulados de funkeiros carregam com isso um estigma negativo. Na interpretação deles não só a mídia faz esta associação, mas dentro do próprio morro eles são

observados de forma diferenciada pelos moradores. Como cita esta jovem: *“Não é só lá fora não, aqui no morro mesmo as pessoas tem preconceito acho que só vai pro baile quem faz rolo ou usa droga.”* G 17 anos.

O Funk já esteve vinculado diversas vezes na mídia com episódios de violência e vandalismo. O funkeiro, assim como o sambista boêmio dos anos 30 carrega estigma e preconceito. Ivo Meireles também reconhece os atributos pejorativos que o funkeiro recebe, podemos visualizar isto nesta fala do artista:

“Durante muito tempo o funk foi o bode expiatório de tudo de ruim que acontecia no Rio de Janeiro, hoje em dia, muita gente em vez de falar neguinho, fala funkeiro, antes de falar favelado, fala funkeiro, é mais bonitinho.”

Muitas vezes noticiários e jornais divulgam o Funk relacionado a situações adversas, como na década de 90 os arrastões foram noticiados como sendo protagonizados pelos funkeiros. Recentemente o Funk esteve vinculado a casos de abuso sexual e até mesmo gravidez precoce. Apesar de muitas dessas acusações não terem sido provadas, na medida em que elas repercutem na mídia e circulam pela sociedade, sendo ou não verdadeiras, produzem vinculações negativas que atribuem ao Funk e seus adeptos um caráter pejorativo.

Verônica Costa deixa claro em sua fala a indignação quanto ao preconceito midiático, ela reconhece que isso traz conseqüências maléficas para o Funk. Analisemos o que ela nos diz a respeito:

“A mídia detona o funk, o funk só é notícia, só vende se vier acompanhado de coisas ruins, ninguém fala que o funk é bom . A mídia coloca o funk como perversão, violência, só mostra esse lado, quando iam nos bailes para fazer matérias, só filmavam as brigas, não mostravam os trezininhos, as danças. (...) Até falar que o funk engravida, já falaram. A gravidez precoce é um problema grave no Rio de Janeiro e no Brasil, teve toda aquela história que a garota engravidou no baile. Liguei pro Cezar Maia⁶⁵ e perguntei onde a garota morava, quem era ela, porque eu queria, enquanto vereadora, mãe, mulher e funkeira prestar minha solidariedade, e sabe o que ele me respondeu? Não se preocupa que isso é mais uma mentira. Eu fiquei extremamente magoada, que covardia com o funk, até hoje nem a secretaria de saúde, nem o juizado de menores, ninguém detectou a menina, sabe porque? Porque isso nunca aconteceu, mas a sociedade acredita.”

O que ficou claro no discurso dos jovens, assim como das “personalidades” entrevistadas é que elas reconhecem esse caráter estigmatizado do Funk e acreditam que o preconceito que o envolve não esta apenas na mídia, mas também dentro das próprias comunidades pobres.

O baile Funk que acontece nos morros e favelas, segundo os jovens não são bem aceitos por grande parte dos moradores. O baile seria um local de barulho, drogadição e sexualidade precoce. Os jovens comentaram sobre essa posição em relação ao Funk e argumentam que o Funk não é diferente dos outros ritmos, todos esses problemas já existiam e continuarão existindo, independente de ocorrerem ou não bailes Funk.

A problematização dos pontos negativos que envolvem o Funk é recorrente, mas pouco se fala dos aspectos positivos do ritmo. Busquei trazer

⁶⁵ Prefeito da cidade do Rio de Janeiro.

isso para discussão e pedi que os jovens justificassem um fator positivo no Funk.

Observamos uma fala singular no sentido do Funk ser um propulsor da coletividade e dos laços de união. Na visão dos jovens o Funk pode uni-los, pois no baile eles se juntam em prol do mesmo objetivo: que é o de dançar, se divertir e paquerar. *“No baile funk, todo mundo é da mesma família.”* (Y 17 anos)

Ressalto este estímulo à coletividade que o Funk proporciona; pois vivemos em um momento inverso, onde uma das características é o enfraquecimento das redes sociais, com uma considerável perda dos espaços e ações coletivas. Observamos essa tendência tanto no que se refere à vida privada, como na esfera da vida social.

Um exemplo típico é o lazer, hoje muito mais associado ao consumo e a entretenimentos individuais do que a uma convivência comunitária. Sendo assim, nossas relações tornam-se cada vez mais transitórias e superficiais.

Como já foi dito, os jovens tem características e necessidades específicas, a vida gregária é uma das características fundamentais a ser respeitada e considerada na compreensão do desenvolvimento desta população. A importância da turma, o fascínio pelos amigos, a paixão pela “galera” são expressões constantes de sua necessidade de inserção no grupo. O convívio profundo e cotidiano com os amigos é vital na juventude.

O Funk justamente se contrapõe a tendência pós-moderna de individualização ele reforça e fortalece os laços de convivência em grupo, o que é de extrema valia. No universo Funk esses jovens vivem uma realidade particular norteadas por valores e significados singulares. Valores de amizade,

relacionamento, disputa, poder, entre outros, parecem ter traduções específicas se inseridas na dinâmica Funk, ou seja, percepções que só são compreendidas imbricadas ao mundo funk, pois se forem retiradas desse contexto perdem o seu sentido.

O Funk exerce um importante papel neste sentido, criando um forte laço de confiança e solidariedade especialmente entre os jovens de uma mesma comunidade. Podemos observar que os cantores de Funk geralmente se apresentam em duplas ou grupos e com isso já partilham do senso de união e entrosamento.

Existem necessidades individuais que só podem ser satisfeitas pela coexistência coletiva, para atender a essas necessidades os indivíduos constroem novas modalidades de convívio social, instituem outros códigos de valores e comportamentos e estabelecem novas formas de sociabilidade. O Funk representa essa alternativa de sociabilidade apesar da sociedade reconhecê-lo como uma subcultura e forma violenta de lazer.

Um dos símbolos mais fortes e imponentes do movimento Funk são suas músicas que se tornaram famosas e polêmicas, seja por falarem de pobreza, sexo, ou por trazerem forte apelo social, mas de uma forma ou de outra, as músicas Funk vem imprimindo sua marca. Adorada por alguns e detestada por grande parte da sociedade, as melodias Funk não só embalam centenas de jovens, como movimentam a indústria fonográfica.

O movimento Funk não é o mesmo desde seu surgimento até os dias atuais, ele vem se remodelando e traçando novos desenhos no cenário cultural. Pedi que os jovens falassem das músicas Funk, expressassem o que eles pensam a respeito das letras e batidas.

Entre as respostas dadas pelos jovens tivemos muitos elogios, assim como críticas. Os jovens levantaram pontos favoráveis e desfavoráveis e não tiveram uma visão unilateral a respeito do assunto.

Os jovens apontaram as músicas como contagiantes e afirmam que as letras Funk são inconfundíveis. Involuntariamente fizeram a comparação das músicas Funk mais antigas com as atuais e levantaram o apelo à sexualidade como a característica mais marcante das músicas atuais.

Assim, das dezessete meninas que participam do grupo, somente quatro afirmaram que se incomodam com os termos pejorativos utilizados nas músicas. O restante alegou que curtem as músicas e não se identificam com os apelos cantados nelas.

Outro argumento a favor do Funk usado pelos jovens refere-se ao fato de que vários estilos musicais utilizam a sensualidade como fórmula de sucesso. Os ritmos nordestinos foram um exemplo citado por eles.

O músico Ivo Meireles, tem uma opinião semelhante sobre o assunto, reconhece o caráter apelativo das músicas, mas afirma que o Funk não é o único ritmo que caminha nesta direção. Como sinaliza Ivo Meireles:

“Tá escrachado né, mas se isso que tá vendendo CD, fazer o que. Se eu sou um jovem com um potencial, escrevo uma musica de qualidade e não toco nas rádios, e vejo o outro que canta bota onde quiser e tá estourado, eu vou fazer também, porque se eu sou capaz de fazer uma musica bacana, o resto eu faço com o pé nas costas , eu acho que é por aí. Só tá rolando isso, porque a galera tá ouvindo, tá comprando e tá existindo um retorno financeiro. Pelo menos as brigas diminuíram e as mortes nem se fala. O jovem que hoje compõe e canta o rap, quando criança ouvia letras como “mãe é mãe, vaca é vaca, vai

ralando na boquinha da garrafa”, e isso não é funk. Porque só o funk vulgariza? Temos tantas músicas com letras dúbias porque e só vamos falar do funk.”

As letras Funk sempre trazem polêmicas o que muda é a temática. No Funk dos anos 90 o caráter contestatório estava mais explícito e nas letras dos raps se falava na vida das favelas, na violência e desigualdade social. Com o passar do tempo, essas versões mais politizadas foram tornando-se raras e as músicas Funk investem em humor e sexualidade e comprometem-se apenas em tocar nos bailes e agradar os jovens, como tem dado certo, essas versões multiplicam-se. Músicas que falam vulgarmente de sexo vem sempre acompanhadas de coreografias sensuais com movimentos eróticos, que são sucesso nos bailes e alvo de crítica e rigor na sociedade.

De uma maneira geral os jovens entendem que as músicas Funk se modificam e assumem diferentes versões, o mais importante para ele é que as músicas sejam alegres e embalem os momentos de descontração. *“O funk é divertido no funk pode tudo, o rap não precisa ser bonito, tem que fazer a gente dançar, isso é a missão.”* (R 17 anos)

O ultimo aspecto trabalhado com os jovens diz respeito à violência do Funk. Neste momento, pude perceber uma verdadeira interseção de opiniões entre os jovens e as “personalidades” entrevistadas. Todos reconheceram que no momento atual a violência não é mais tão significativa no Funk, mas já houve momentos, nos quais, esse atributo era marcante no movimento.

Tanto Verônica Costa, como Ivo Meireles argumentam esta mesma visão. Vejamos o que diz a Vereadora Verônica Costa :

“Há uns cinco anos atrás o funk viveu o pior momento, o baile de corredor, era lamentável, os jovens participavam de confrontos violentos, saíam machucados. Sempre fui contra e foi até nessa época que surgiu o apelido de mãe loira, porque o tempo todo eu repreendia, “olha isso, cuidado com aquilo”, mas muitas vezes onde tínhamos que tocar tinha esse tipo de embate, concordar nunca concordei. Ma hoje graças a Deus o baile de corredor não significa mais nada para juventude funkeira, isso é passado O momento hoje é mais “light”, o jovem quer namorar, está com a sensualidade a flor da pele, não dá pra dizer que o funk ensina, e as novelas, os filmes, não tem escola maior.”

Agora analisemos a fala de Ivo Meireles:

“o funk já viveu um momento nebuloso, com os festivais de galera, os bailes de corredor, mas era uma forma talvez da juventude mostrar a cara, acho péssimo, porque com isso muitos jovens morreram, mais as autoridades conseguiram enxergar essa massa de jovens, serviu como um grito de guerra, toda semana saíam no jornal, e até em rede nacional, o problema é que as autoridades só reprimiram eles, nada foi feito, cadê projetos sociais, cadê espaços alternativosde lazer, a solução é enclausurar? Acabar com a única fonte que eles tinham de lazer? Mais isso é pagina virada, muitos empresários enriqueceram com este tipo de evento, mais só os jovens saíram prejudicados, consigo enxergar um avanço nisso, acho que hoje o funk é mais união e menos rivalidade.”

Podemos perceber que assim como os jovens, os dois artistas que trabalham com o Funk descrevem o momento atual como mais pacífico. Ambos citam os bailes de corredor como os grandes impulsores da violência nos bailes.

Discutimos com os jovens alguns dos principais aspectos que envolvem o movimento Funk. As colocações e contribuições feitas nesse estudo são apenas um aporte, pois os movimentos populares e a juventude são temáticas que sempre estarão em pauta.

É importante termos claro que o Funk enquanto cultura pode representar espaço privilegiado de evasão das angustias, depressão, insegurança e mesmo o desespero que por vezes assaltam os corações e mentes. Espaço também, para exercer a participação, enfrentando os limites impostos pela sociedade e pelas leis de convivência social e incentivando a negociar em vez de apenas submeter-se. Acredito que a música, e aqui não me remeto somente ao Funk, mas os outros ritmos como Rap⁶⁶ e Hip Hop⁶⁷ é instrumento inovador.

O Funk como sua música e suas manifestações, é um exemplo de novas formas de organização em torno de interesses, objetivos, afinidades e identificações comuns.

⁶⁶ Musica falada e ritmado por batidas eletronicas

⁶⁷ A mistura do rap com grafiti e b boy.

CONCLUSÃO

Nos últimos anos e de forma cada vez mais intensa, podemos observar que os jovens vêm lançando mão da dimensão simbólica como a principal e mais visível forma de comunicação, expressa nos comportamentos e atitudes, pelos quais, se posicionam diante de si mesmos e da sociedade.

É possível constatar esse fenômeno nas ruas, nas escolas ou nos espaços de agregação juvenil, nestes espaços os jovens se reúnem em torno de diferentes expressões culturais, como a música, a dança, o teatro, entre outras, e tornam visíveis, através do corpo, das roupas e de comportamentos próprios, as diferentes formas de se expressar e de se colocar diante do mundo.

O objetivo central deste trabalho foi estudar o fenômeno Funk imbricado nesse contexto e compreender os elementos agregadores e estruturadores que envolvem o jovem na construção de uma identidade com o Funk. Identidade esta que não é uma identidade homogênea e sólida, mas sim traços identitários, características, gestos e expressões comuns que unidos dão vida a uma performance que a mídia e a sociedade rotulam como funkeira

Assim ser funkeiro não implica um conjunto de valores e comportamentos comuns, como uma "religião", mas constitui uma forma determinada de vivenciar as demandas dessa fase da vida (juventude). A identidade do Funk é aquela oferecida pelo estilo de possibilidades de viver e expressar as pulsões, os desejos e as necessidades que caracterizam a condição juvenil.

Busquei através das entrevistas realizadas e da pesquisa de campo analisar a voz desses jovens, claro que com um recorte específico e levando em consideração a limitação do material empírico. Apesar disso, foi fundamental estar próximo deles, mesmo que de um pequeno grupo e poder ouvi-los, percebê-los e observá-los, possibilitando assim enxergar o que há por de trás de seus estigmas.

O importante para mim era compreender como o Funk era percebido por esses jovens, qual era a leitura que eles faziam do fenômeno, lembrando que o Funk é uma manifestação cultural, que se manifesta também através da linguagem, que é por sua vez sempre influenciada pela época, pelo grupo e pelas relações econômicas.

Quando cito a linguagem como uma das principais formas de expressão, ressalto que os entrevistados ao expor suas idéias acerca do Funk trazem à tona uma visão que não é genérica. Esta visão é marcada por situações e experiências individuais. Compreender esta forma singular de como os jovens apreendem a realidade, foi imprescindível para a construção desse estudo.

Acredito que:

“Quando nos voltamos para um estudo que busca investigar a história de vida de cada sujeito, é fundamental não perdermos de vista a compreensão do contexto onde vive este indivíduo. É importante fugir de uma visão linear de história: e fundamental não perder de vista a dimensão ‘macro’ onde estamos inseridos social e historicamente (...) Contudo, não devemos deixar em segundo plano o cotidiano, a vivência concreta da pessoa, porque, assim, primeiro perdemos, um rico material para análise e, em segundo lugar, deixamos de perceber os olhares singulares que também fazem parte da história, é isso por exemplo que faz a riqueza da história oral. A atenção a uma dimensão macro não pode nos impedir de ver a participação única que cada ser possui .” (Freitas,2000:7)

Me baseando nas análises feitas no terceiro e quarto capítulo e também através das declarações dos entrevistados e da literatura pesquisada, arrisco dizer que o Funk não chega a estruturar uma identidade coesa. É como se os jovens vestissem uma identidade funkeira, porém essa identidade não permeia todas as atitudes de sua vida.

Podemos dizer que o Funk é parte de determinado estilo de vida juvenil, um marco identitário que contribui para que esses jovens possam vivenciar e se afirmar como sujeitos numa determinada fase da vida.

Tomando como base o conceito de identidades definido por Castells (1999), notei que em torno do Funk os jovens desenvolvem sentidos e desempenham uma “performance funkeira”, independente do “papel social” que a sociedade atribui ao “funkeiro”.

Como pontua Castells (1999) :

É necessário estabelecer a distinção entre identidade e o que tradicionalmente os sociólogos tem chamado de papéis, e conjunto de papéis . Papéis (por exemplo, ser trabalhador, ser mãe,vizinho,militante socialista, sindicalista, jogador de basquete, freqüentador de uma determinada igreja e fumante, ao mesmo tempo) são definidos por normas estruturadas pelas instituições e organizações da sociedade . A importância relativa desses papéis no ato de influenciar o comportamento das pessoas depende de negociações e acordos entre indivíduos e essas instituições e organizações. (Castells,1999:23)

Mesmo sem poder afirmar a existência de uma identidade coesa partilhadas por esses jovens, através de suas respostas foi possível traçar algumas considerações acerca de valores que para esses jovens parecem ser fundamentais.

Os jovens sempre destacavam o baile como um espaço para encontrar amigos. Os grupos quase sempre já vem formados de fora e permanecem unidos por toda a festa, esse espírito de união é muito forte com grupos de um mesmo local, mas entre grupos diferentes a união muitas vezes transforma-se em disputa; pois a ligação do jovem com seu grupo é tão intensa que o faz acreditar que seu grupo é sempre o “melhor” em relação aos outros.

Como aponta Hershmann (2000):

“No caso dos funkeiros, a comunidade e o bairro são claramente supervalorizados. Os depoimentos das galeras e turmas e as músicas pesquisadas atestam que estas localidades representam um importante referencial

. Ali se sentem protegidos de uma estrutura social excludente, bem como constroem alianças e identidades.” (Hershmann,2000:227)

Para aqueles jovens o Funk é algo “mágico”, uma fonte inesgotável de diversão e descontração colocada em risco pela violência e pelo preconceito da sociedade .

Vejamos o que Vianna (2000) nos diz a respeito:

“Para uma parcela considerável da juventude carioca, o funk é uma palavra mágica sob a qual se abriga um ritual . Esses jovens (...) formam uma comunidade com códigos de conduta próprio na maneira de se vestir, falar, se divertir e namorar“. (Vianna apud Hershmann,2000:92)

Não é somente no baile que o Funk estabelece diálogo e simboliza expressões, existem outras características que considero marcas identitárias que são manifestadas, por exemplo através das músicas, das danças e da linguagem singular falada por eles .

Muito foi citado o lado divertido, alegre e lúdico do Funk carioca, isso reforça o caráter contraditório do fenômeno que muitas vezes é lembrado, principalmente por quem não participa do seu universo, como um ritual violento. É curioso que o Funk na concepção das pessoas pode variar de um extremo a outro, de um lado alegria e descontração, do outro violência e vandalismo, o que mostra que este fenômeno cultural não possui um efeito homogenizador.

Como Herschmann (2000) nos chama atenção:

“ A única alternativa para esses grupos, e outros oriundos de segmentos populares, é transitar na mídia numa espécie de ‘jogos de espelho’ que ora os associa a imagens de delinquência, ora os apresenta como expressão da ‘cultura popular’ dos anos 90 . Ou seja, esses jovens movem-se num jogo de estereótipos, sabendo que o importante é garantir alguma visibilidade social, o que, em sua condição de ‘invisíveis’ e marginalizados, seria o primeiro passo para a reivindicação da cidadania” (Hershmann,2000:223)

As visitas aos bailes Funk trouxeram um variado conteúdo. No mesmo espaço pudemos perceber arranjos e ordenações diversas. Violência, lazer, criminalidade, cultura, diversão, tudo misturado em um só evento. Isso nos leva a ressaltar que muito mais que um ritmo musical o Funk nos traz questões latentes da juventude.

O Funk pode não ser considerado uma bandeira, nem um instrumento agregador, mas é possível perceber que mesmo perifericamente, através do Funk os jovens constroem códigos culturais e encontram nele uma forma de sociabilidade.

Os jovens denominados funkeiros atuam baseados na esfera da cultura, porém, não restritos a ela, eles moldam uma performance que envolve músicas, danças, roupas e contornos que conseguem chamar atenção da sociedade, tanto de modo positivo, como sobre um olhar criminalizante.

Como comenta Hershmann (2000):

“Ao trabalhar com a noção de estilo de vida é preciso reconhecer suas limitações, atentar para o fato de que

analisamos uma sociedade que opera a partir de múltiplas referências. Considerem-se aqui, portanto, os estilos de vida juvenis em constante construção, nos quais linguagem, vestuário, músicas, danças, discursos e trajetos urbanos formam um universo cultural no qual desenrolam sociabilidades, definem trajetórias, constroem-se sentidos e territorialidades.” (Hershmann,2000:63)

Com o resultado de minha pesquisa e a construção do presente trabalho percebi que o Funk não pode deixar de ser lembrado como uma das manifestações culturais mais significativas dos anos 90 no Rio de Janeiro.

Ressaltando aqui que as manifestações culturais se fazem como um importante instrumento de representação popular com o qual podemos articular o sujeito às suas expressões. Assim essas manifestações nos fazem refletir sobre uma realidade marcada pela exclusão, violência e desigualdade.

No segundo capítulo quando discutimos a questão da identidade citamos o conceito definido por Castells (1999) de “identidade de resistência”. No decorrer do estudo essa identidade se revelou no cotidiano daqueles jovens. Eles se identificam entre si, por suas vivências em comum e ao mesmo tempo se opõe a outros grupos que são norteados por uma realidade diferente.

Como ilustra Abramovay (1999):

Esses jovens constituem laços de solidariedade e são caracterizados por códigos de valores compartilhados, a partir dos quais os sujeitos individuais constroem identidades coletivas mediante a negação/rejeição da desigualdade do contexto social mais amplo no qual estão inseridos (Abramovay,1999:109).

Podemos entender a postura desses jovens como uma recusa das condições que a sociedade lhes oferece para sua inserção social. Por intermédio do Funk eles experimentam a possibilidade de uma atividade com sentido e não querem aceitar a sujeição às alternativas que lhes são postas.

Ainda nesse contexto notamos que os jovens aqui citados, tem claro a posição que ocupam no espaço social, assim como seu desfavorecimento econômico e isso faz com que tenham um sentido de coletividade. As falas dos jovens são singulares, na maioria das vezes não falam por si, mas sim em conjunto: “*nós sentimos*”, “*nós achamos*”, e assim expressam suas opiniões pessoais, como se fosse coletiva.

Esses jovens se classificam de acordo com sua posição socioeconômica, se identificam como jovens que moram nas favelas e carregam com isso a idéia de que são diferentes, muitas vezes inferiores aos jovens de outras classes sociais. No discurso deles fica claro a oposição entre jovens pobres e “ricos”, que denominam como “*playboys*”⁶⁸. Interiorizam a concepção de que por morarem na favela são desprovidos e não disputam em igualdade com outros jovens. Eles tem claro que o ponto em que se situam no espaço social dificilmente será mudado.

Esta adesão dos jovens às práticas do grupo pode ser compreendida como uma afirmação da identidade grupal, que aparece associada à noção de “nós”, em contraposição ao “eles”; os jovens de outras classes sociais.

Acredito que este seja um ponto importante na compreensão de todo trabalho. Ao notar que os jovens têm uma forte identificação entre si, compreendemos então que os valores e sentidos que norteiam o cotidiano

⁶⁸ Na informalidade “playboy” significa jovem com alto poder aquisitivo.

destes expressam a faceta da desigualdade social em diferentes âmbitos da vida de um indivíduo.

Assim é mais esclarecedor caracterizá-los como jovens pobres, vivenciando formas frágeis e insuficientes de inclusão num contexto de uma nova desigualdade social: aquela que implica no esgotamento das possibilidades de mobilidade social para a maioria da população.

Para melhor compreensão dos significados que os jovens pesquisados atribuem à vivência do Funk é necessário contextualizar a realidade deles, apreendendo a forma como elaboram o conjunto das experiências que vivenciam no cotidiano.

Por mais óbvio que possa parecer, é importante ressaltar que nenhum deles é funkeiro vinte e quatro horas ao dia. Em seu cotidiano a maioria deles estudam, possuem família, vivenciam conflitos, divertem-se, amam, sofrem e possuem desejos. Por isso foi importante a discussão, não só do movimento Funk, mas de diversas temáticas que contribuíram para melhor compreensão da realidade em que esses jovens estão inseridos.

O Funk é entendido nesse estudo, assim como pelos jovens, como uma forma de expressão e lazer. Mesmo quando não abordamos diretamente a questão da diversão e cultura os jovens apontaram esta lacuna no seu cotidiano. Foi recorrente nas suas falas o sentimento de desigualdade e abandono também reconhecem que a sociedade, de uma maneira geral, nega espaço para a presença de determinados grupos sociais, como é caso deles próprios, que se vêem impossibilitados, seja pela aparência, cor ou condição socioeconômica de participar de processos sociais e se restringem á atividades no âmbito interno de sua comunidade.

É possível ver os jovens aqui citados andando pelo morro nos dias de semana, ver dezenas pelas ruas e calçadas conversando em grupos ou simplesmente sentados, passando o dia sem ter o que fazer, sem acesso a equipamentos sociais, como centros culturais ou mesmo praças públicas, sem espaços e tempo que os estimulem e ampliem as suas potencialidades. Levam assim uma vida empobrecida não só de recursos materiais, mas, principalmente de recursos simbólicos que os capacitem a enfrentar as transformações pelas quais a sociedade vem passando.

Nesse contexto de restrição de espaços e oportunidades os jovens têm no Funk uma alternativa. Não basta avaliarmos a presença do Funk dentro dos morros e favelas cariocas como uma “febre”, uma “mania”, ou uma simples preferência. É importante termos claro todo contexto social, contexto esse que foi estudado e citado pelos jovens como desigual e desfavorável.

Esse estreitamento de relações estimula a construção de espaços restritos de pertencimento e o Funk, com seu movimento dentro das comunidades, é um desses espaços. Ele cria códigos, valores, identificações culturais com os quais os jovens se afiliam.

Considerando que o assunto central do nosso estudo é o movimento Funk e sua relação com a juventude carioca, especificamente de uma área pobre da cidade, em vários momentos nos deparamos com a interrogação: O Funk imprime uma identidade nesta parcela da juventude ou não?

Consideramos assim que nesses espaços de pobreza extrema, jovens procuram no Funk um dispersar de sua realidade, buscam alegria e diversão e desta maneira, compreendemos que no Funk “vale tudo”. É um

movimento construído com grande participação da juventude onde eles próprios são os consumidores.

O Funk é abstrato, não tem compromisso com a estética musical e cultural, ele vem a ser uma expressão alternativa, uma forma de convívio social, principalmente uma forma de extravasar angústias e limitações.

Acredito que as identidades são formadas em torno de um ou mais interesses comuns, algo que consiga não apagar mais ao menos atenuar as diferenças. Ficou claro que no Funk o cerne agregador desses jovens é o lazer, cristalizado no momento e no espaço do baile Funk.

Diferente dos adolescentes da classe média e alta que tem acesso a várias opções de lazer e entretenimento, tais como cinemas, teatros, clubes, práticas esportivas entre outras; aos jovens pobres restam poucas opções. Os jovens que entrevistamos vêm nesse espaço possibilitado pelo Funk uma das suas únicas fontes de diversão, um alívio imediato para as frustrações de um cotidiano estafante e muitas vezes sem perspectiva.

A discussão apontou que os funkeiros encontram poucos espaços para elaborar referências e valores por meio dos quais possam se construir como sujeitos. O Funk muitas vezes assume uma centralidade na vida desses jovens por intermédio das formas de sociabilidade que constroem, da música que criam e dos eventos culturais que participam.

Sendo vitimizados pela sociedade por vários fatores que bem já conhecemos, estes jovens precisam ser acolhidos e valorizados tendo sua participação na construção de uma cultura popular. Para isso é preciso criar canais para expressão de seus sentimentos, de suas inquietudes, de sua

reflexão crítica e, sobretudo, de sua criatividade e sensibilidade face às desigualdades sociais.

É importante que a oferta de oportunidades de experiências grupais nos mais diferentes contextos esteja presente nas políticas públicas de educação, de lazer e de cultura, num processo em que o valor da presença jovem entre os próprios jovens seja potencializado e ajude no processo de formação de lideranças positivas e multiplicadoras.

Assim o Funk enquanto cultura pode representar espaço privilegiado de evasão das angústias, depressão, insegurança e mesmo o desespero que por vezes assaltam os corações e mentes. Espaço também para exercer a participação, enfrentando os limites impostos pela sociedade e pelas leis de convivência social e aprendendo a negociar em vez de apenas submeter-se ou impor. Acredito que a música, e aqui não me remeto somente ao Funk, mas a outros ritmos como Rap e o Hip Hop são instrumentos inovadores.

O jovem é em geral um desbravador do mundo, curioso por natureza e sedento de novas experiências que ampliem o mundo familiar e escolar. A juventude implica exatamente isto, sair deste círculo restrito para participar da sociedade que lhe acolhe como cidadão, por isso a importância de canalizar essa participação de forma positiva. O Funk desperta nos jovens desejo de participar de uma cultura singular, descobrindo valores específicos de seu mundo e de sua realidade.

Acredito que um dos pontos de partida possíveis para políticas voltadas à juventude implica na criação de oportunidades nas quais os jovens possam canalizar positivamente toda sua energia, sua capacidade crítica e seu desejo de promover justiça social. Para isso os jovens devem ser

considerados para além de sua significativa representação no cenário demográfico do país. Devem ser apoiados em suas capacidades de sujeito transformador e de promotor de mudanças construtivas.

Associar a questão do conhecimento às demais experiências da vida é um importante desafio a ser enfrentado. Nessa perspectiva as políticas sociais e de educação não podem continuar centradas na escolarização pura e simples. Nessa fase importante da formação da personalidade o estímulo ao pensamento crítico, ao debate, as descobertas e aos desafios intelectuais são muito importantes.

Podemos concluir, afirmando que o Funk, mesmo com abrangências diferenciadas, significa uma referência na elaboração e vivência da condição juvenil, contribuindo de alguma forma para dar um sentido à vida de cada um destes jovens, num contexto onde se vêem relegados a uma vida sem sentido. Ao mesmo tempo o Funk possibilitou a muitos desses jovens uma ampliação significativa do campo das oportunidades cotidianas, abrindo espaços para sonharem com outras alternativas de vida que não aquelas restritas e oferecidas pela sociedade.

Apesar de todas as nuances experimentadas pelo Funk este continua afirmando uma forma de expressão e de estilo, permanece atribuindo gostos, opções de entretenimento e práticas sócio-culturais, elaborando entre os jovens, valores, sentidos e traços identitários.

O mundo Funk aparece como um espaço privilegiado de práticas, representações, símbolos e rituais no qual os jovens buscam demarcar uma identidade juvenil. Neste *locus* assumem papel de protagonistas, atuando de alguma forma sobre o seu meio e construindo um determinado olhar sobre si e

sobre o mundo que os cerca. Nesse contexto a música é a atividade que mais os envolve e os mobiliza.

Concluo que através do Funk milhões de jovens encontram uma forma de expressão e traçam códigos culturais próprios de sua geração, que se compreendidos em toda sua complexidade e alteridade, são fundamentais para análise dos sujeitos sociais, que marcam presença no cenário moderno contemporâneo.

BIBLIOGRAFIA

ABRAMOVAY, Miriam e RUA, Maria Graça. Juventude, Violência. Brasília, UNESCO, Instituto Ayrton Senna, 2002.

_____ Juventude, Violência e Vulnerabilidade Social na América Latina: Desafios Políticas Públicas. Brasília, UNESCO, BID, 2002.

_____ Galeras, Chegadas e Rappers: Juventude, Violência e Cidadania nas Cidades de Periferia de Brasília. Rio de Janeiro, Garamond, 1999.

ABREU, Mauricio de Almeida. Reconstruindo uma história esquecida - origem e expansão inicial das favelas do Rio. São Paulo, Ed. Ártica, 1994.

ALVITO, Marcos e Zaluar, Alba. Um século de favela. Rio de Janeiro, Ed FGV, 1999.

_____ Um bicho-de-sete-cabeças. In: ALVITO, marcos e Zaluar Alba. Um século de favela. Rio de Janeiro, Ed FGV, 1999.

ASSIS, Simone Gonçalves de. Traçando Caminhos Numa Sociedade Violenta: À Vida de Jovens Infratores e Seus Irmãos não infratores. Rio de Janeiro, Fio Cruz, CLAVES/ UNESCO/ DPCA. 1999.

BABHA, Homi. O local da cultura. Belo Horizonte, UFMG, 1998.

BRANDÃO, André Augusto. Etnia, Imprensa e Essencialismo. Niterói, Revista Contracampo, UFF,2000.

_____ Miséria da periferia: desigualdades raciais e pobreza na metrópole do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Pallas Ed, PENESB, Niterói, 2004.

BRITO, Leila Maria Torraca. Jovens em Conflito com a Lei: Contribuição da Universidade ao Sistema Sócioeducativo. . Rio de Janeiro, EdUERJ, 2000.

CARVALHO, Maria do Carmo. A priorização da família na política social. São Paulo, Cortez, 1994.

CASÉ, Paulo.Favela: uma exegese a partir da mangueira . Rio de Janeiro, Ed Relume Dumará, 1996.

CASSAB, Maria Aparecida Tardin. Jovens Pobres e o Futuro: A Construção da Subjetividade na Instabilidade e na Incerteza. Niterói, Intertexto,2001.

CASTEL, Robert. “As armadilhas da exclusão”. In Wanderley, L. Eduardo & BELFIORE-WANDERLEY, M. Desigualdade e a questão social. São Paulo, EDUC,1997.

CASTELLS, Manuel. O Poder da Identidade. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1999.

CENSO CANDELÁRIA, 2003. Rio de Janeiro, Instituto Roda Viva, 2003

CENSO CANDELÁRIA,2004. Secretaria Municipal de Saúde, Programa Agentes Comunitárias de saúde, Rio de Janeiro, 2004.

CONSELHO NACIONAL DE ASSISTENCIA SOCIAL – MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL E COMBATE A FOME, SECRETARIA MUNICIPAL DE ASSISTENCIA SOCIAL DO RIO DE JANEIRO -Documento: Política Nacional de Assistência Social, Brasília, 2004.

CONSORTE, Josildeth Gomes. Caracterização socioeconômica e cultural da criança na favela. Revista Brasileira de Estudos pedagógicos nº 58. Rio de Janeiro,1998.

ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. In: CRESS 7º Região. Assistente Social, Ética e Direitos. Coletânea de Leis e Redação. Rio de Janeiro, 2001.

FREITAS, Rita de Cássia Santos. Pensando Cultura e Indivíduo. Rio de Janeiro, Texto Provisório,1999.

GEERTZ, Cliford. Um jogo absorvente: notas sobre a briga de galos balinesa. A interpretação das culturas, Rio de Janeiro, Ed Guanabara,1989.

_____ “Descoberto na tradução”: a história social da imaginação moral, O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa, Petrópolis: Ed Vozes,1997.

_____ “Do ponto de vista dos nativos”; a natureza do entendimento antropológico e O senso comum como um sistema cultural, O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa, Petrópolis: Ed Vozes,1997.

GINZBURG, Carlo. Prefácio à Edição Italiana - O Queijo e os Vermes: O Cotidiano e as Idéias de um Moleiro Perseguido pela Inquisição, 5º reimpressão, São Paulo, CIA das Letras,1991.

HALL, Stuart. A Identidade Cultural na Pós-modernidade :3º edição. Rio de Janeiro: DP&A,1999.

HERSCHMANN, Micael. O Funk e o Hip Hop Invadem à Cena. Rio de Janeiro: UFRJ,2000.

LEEDS, Elizabeth. Cocaína e poderes paralelos na periferia urbana brasileira: ameaças à democratização em nível local. In: ALVITO, marcos e Zaluar Alba. Um século de favela. Rio de Janeiro, Ed FGV, 1999.

MAIA, Rousiley. As Identidades Coletivas: Negociando novos sentidos e politizando diferenças. Niterói, Revista contracampo, UFF,2000.

MINAYO, Maria Aparecida de Souza, (et alli). Fala Galera: Juventude, violência e cidadania, Rio de Janeiro, Garamond,1999.

MISSE, Michel. Brasil em perspectiva os Anos 90, In. O Brasil na Virada do Século. Rio de Janeiro, Relume Dumara,1995.

OLIVEIRA, Jane Souto e **MARCIER**, Maria Hortence. A Palavra é Favela. In: ALVITO, marcos e Zaluar Alba. Um século de favela. Rio de Janeiro, Ed FGV, 1999.

PNAD 2002 – Pesquisa Nacional de Amostras de Domicílios / Síntese dos indicadores sócias 2002.

REVISTA DO CARNAVAL. Rio de Janeiro, Departamento de Marketing da Estação Primeira da Mangueira, 2004.

SANTOS, Myrian Sepúlveda. Mangureira e Império: a carnavalização do poder pelas escolas de samba. In: ALVITO, marcos e Zaluar Alba. Um século de favela. Rio de Janeiro, Ed FGV, 1999.

SCHNEIDER, Leda. Marginalidade e delinqüência juvenil. São Paulo, Cortez,1982

SILVA, Tomas Tadeu. Identidade e Diferença: A perspectiva dos estudos culturais – Tomas Tadeu (org), Stuart Hall, Kathyn Woodward. Petrópolis: Ed. Vozes,2000.

Situação Mundial da Infância 2003 – UNICEF.

SPOSATI, Aldaíza de Oliveira. Vida Urbana e Gestão da Pobreza. São Paulo, Cortez,1988.

VIANNA, Hermano , et alli. Territórios de Conflitos e Encontros Culturais . UFRJ. Rio de Janeiro: 2000.

_____ O Mundo Funk Carioca. Rio de Janeiro, Zahar Editora,1988.

ZALUAR, Alba. Exclusão e Políticas Dilemas Teóricos e alternativas Políticas. Rio de Janeiro. Instituto de Medicina Social - UERJ, 1997

_____ Condomínio do diabo. Rio de Janeiro, Revan Ed UFRJ,1994.

_____ Teleguiados e Chefes: Juventude e Crime Rio de Janeiro: ISER/CER. Rio de Janeiro: 1999

_____ Vila Olímpica Verde e rosa. Rio de Janeiro, Ed. FGV,2003.

WASELFISZ, Julio Jacobo. Mapa da Violência III. Brasília, UNESCO, Instituto Ayrton Senna, Ministério da Justiça,2003.

WEBGRAFIA

Armazém de Dados - www.armazemdedados.rio.rj.br

IBGE – www.ibge.gov.br

Fundação Getulio Vargas – www.fgv.gov.br

Estação Primeira da Mangueira – [www. Mangueira.com.br](http://www.Mangueira.com.br)

Viva Favela – www.vivafavela.com.br

Furacão 2000 – www.furacão2000.com.br